PQ 9261
.L63 P7
Copy 1

THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class PQ9261
Book .L637

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PRIMICIAS

POR

A. L. DOS SANCTOS VALENTE

COIMBRA
IMPRENSA LITERARIA
1861

1469
3855

PRIMICIAS

POR

A. L. DOS SANCTOS VALENTE

COIMBRA
IMPRENSA LITERARIA
1861

PQ9261
.L63P7

ILLUSTRISSIMO

FERDINANDO JOSEPHO BARTHOLO

OPTIMO LINGUAE LATINAE PROFESSORI

EMERITO

HOC

PUBLICUM

GRATI, DEVINCTIQUE ANIMI

MONUMENTUM

O.

Queste mie carte in lieta fronte accogli,
Che quasi in voto a te sacrate i' porto.
(TASSO)

Auctor

387270
'29

Amplissima tua, Sapientissime Praeceptor, in me unum beneficia neque lingua referre, neque animus pendere satis valet. Sed, quia semper se hic gratum, atque amore devinctum ultro professus est, non amplius tacendum ratus, quum praeterea timeret, ne ingratus, ac tot beneficiorum immemor ob incuriam tandem videretur. Namque jam inde ab ea aetate, qua ex ipso ore tuo facundissimo miram istam, singularemque doctrinam accipielam, hoc maxime inieram consilium, ut, collectis paulatim rerum cognitionibus, aliquam debiti partem, quantum in me esset, quondam exsolverem.

Quae quum ita sint, tibi qualemcumque hanc grati animi significationem nunc in manus offero, quam si libens accipias, ita pergratum mihi facias, ut ad tua in me fere innumerabilia merita, quod incredibile profecto erat, maximus jam cumulus accessisse videatur. Vale.

Conimbricae postridie Nonas Aprilis anno 1861.

A. L. a Sanctis Valente.

CARTA

Dedilhando a lyra latina, cujas cordas ingrata, mas, sem quebral-as, corróe a lima do tempo, espalhastes harmoniosos hymnos, que me incantam:

Escuto-os; e devo censural-os.

No caso, que fizestes de minha humilde pessoa, considerava o vosso grande amor; a opinião não podia approvar; não que buscasse fugir ao trabalho (casava-se com minha inclinação!) mas deixal-o a ingenhos robustos e auctorisados, por onde fosse subido a mór valia.

Confórme a isto, lembrei-vos um tribunal litterario, que, entre nós, se-assignala, benemerito da fama. E, como vos desagradava intentar lá acção, que se-acompanhava de fórmulas e processos, de sorte entretidos, que vossas justas intenções eram molestadas, não me-soffreu o coração desconsiderar o vosso voto.

Direi lizamente o meu sentir.

Materia, que o livro encerra; e fórma, que o escriptor lhe dá, são os dous alvos da industria e habilidade dos criticos. Mirando o primor das obras, que Deos inspirara, apontam os desvarios dos maiores genios, e acham que o espirito do homem não é capaz da perfeição absoluta:

> ..... *optimus ille est,*
> *Qui minimis urgetur.*

Não engrandecerei o argumento de vossos versos; pois tão asseiado é, que alimpa vosso formoso coração, e o abrilhanta. Assim é linda a luz, quando amanhece; innocente a pomba entre os habitantes da espessura.

Analysarei:

Ode VII A providencia tinha encerrado em curtos limites a nação portugueza; mas a fôrça de *industria* e *esfôrço* de seus filhos, sustentando em abundancia o paiz, anniquilara a indigencia. Aguerridas cohortes guardavam o continente prompto a castigar, com mão pesada, qualquer insulto. Sua marinha, sem duvida, a mais florescente, vira o cubiculo da aurora; envergara de tropheos os palmares do Ganges; e curvara ao seu ferro mil réis e califas. Dominador do mar e da terra, o nome portuguez, e o terror de seu braço, eram respeitados d'um a outro pólo:

Et mari et terra dominator ambos
Ad polos secum tulit arma Lusus;
Nomen extremos tenuitque terrae
Famaque fines.

Surgia um ilhéo do seio do mar longinquo, para onde dava solitaria gruta. A fama consagra o logar.

Em longes eras, lá meditaram os discipulos de Confucio as verdades do grande *Tien*. Então era a caverna abrigo do genio.

Patriis longe segregatus arvis
Ipse in ignoto cohiberis antro.

O mesmo era, que, em sonho, julgara vêr erguido do moimento o rei afortunado, cujo peito, auréola luminosa, traduzia, em letras radiosas — *amor da patria!*

Não se lhe riscara da memoria o real preceito — *serve a patria*. Nem o guarneciam já as armas; soldado valente, mais podia na voz, e na penna.

Cuidoso se subia ao cume das penedias, combatidas da onda; e, olhando contra o occidente, fazia saudades. Lá invocava as musas, e cantava *as armas e os barões assignalados*.

Volve á patria; acha-a moribunda! Abraçado com ella, desce ao tumulo.

Assyrios e Medos, que é de vossas cidades? Vejo columnas quebradas; cinzas, que o vento arrasta, leva, dissipa! O viandante, sentado sobre as ruinas de Palmyra e Ninive interroga, em vão, os echos e os marmores.

Tu, porém, divino poeta, edificaste á patria o templo da immortalidade, mais duravel, do que o bronze; *fama super aethera notum;* tu só dirás aos seculos e aos povos — *aqui foi Lysia!*

Scilicet laudes veteres perirent,
. . . . . .
Ni gravi Lusûm faciles triumphos
Scriberes versu, memorande vates!

Correram seculos; a posteridade vota-te um monumento. Tão precioso a patria ainda não deu outro. Assim o pobre, que saborêa o pão da esmola, remunera, sufficientemente, o bemfeitor pela gratidão, aroma, que fuma das almas puras.

Plaudite, Lusi!

Tal é o hymno ao patriotismo, ante cujas aras vos curvaes. Arda o incenso; que a patria representa Deus sobre a terra; seus beneficios, sua auctoridade, e seu amor dão-lhe direitos supremos á nossa gratidão. Sancto foi o vosso sacerdocio.

A solidão vos apraz, que na solidão mostra-se-vos Deus em tudo. Luminosas são as paginas do universo para revelarem o nome do seu artifice! Ode VI

Cuncta et opus fateor mira divinitus arte,
Munus et esse Dei.

Narram sua gloria os globos de luz, girando em suas orbitas com regularidade eterna. Preconiza-o o tempo, medido em estações; a terra, a agoa e seus innumeraveis habitantes!

Philosopho orgulhoso, que te condecoras com o vão titulo de sabio, transporta-te pelo pensamento a um dos luminares, que brilham no manto das noites; extende a vista, e procura o homem n'esse grão de area, que chamamos terra. Vel-o-has atomo perdido em myriadas de mundos, tão soberbo, que nega e satyriza a existencia do Creador! Mas vê = o socego da noite infunde-lhe terrores; mil fantasmas povoam a solidão do espaço; treme; não dá passo, que genios maleficos o espreitam ! E logo a incerteza, das penas a mais dura, dilacera e consome este rei da terra, este senhor do mundo !

Quae miseros, quae somnia eos sibi fingere cogis,
Abdita mundi anima !
Quisque juvat curis obnoxia stringere corda,
Ac dubiam mentem partes impellere in omnes,
Sicque agitare diu !

Só ao justo é dada a tranquillidade. Remoto dos tumultos desconhece as fraudes, as ciladas e calumnias, que em seu ceu brilham as verdades evangelicas, estrellas, que não se apagam. Entranha-se no monte, no ermo silencioso, nos logares desertos. Em côro com as avezinhas transporta-se pela oração além do espaço, e exclama «Só Deus é grande! »

A gloria terrestre desapparece deante do Omnipotente, como a neve, ferida pelos raios do sol.

O montesque, silensque recessus et loca sola,
O avium moduli !
Hic Deus, hic nobis vere commercia coeli !

Mais dissera convidado pela sympathica substancia das restantes canções; mas basta; que não devo, por mais tempo, distrahir de vossa licção o leitor curioso.

Resta avaliar a dicção, que reveste a pompa das sentenças. Serei breve.

Como? Latim no seculo XIX! E surge a dominação latina do cadoz do esquecimento, para usurpar de novo á lingua nativa a carta d'alforria, que, justamente, lhe deu D. João I, o eleito do povo!

Falemos portuguez brando e sonoro,
A portuguezes que entender-nos cabe.

Assim mandava o nosso mestre de poetica. Hoje mais vale o preceito.

A phrase latina enfastia; é enigma.

Os livros dos classicos latinos fechados nas estantes, sem darem-se a ler, ainda que com maior despeza os dourasse o artificio de nossos paes, são defuntos na tumba, amortalhados em melhor habito; soberbo mausoléo sem epitaphio, que por mais que occulte grossos thesouros, ignorada a preciosidade, é horror. « Horror! » exclama com enthusiasmo o ignorante, que de latim não pesca nada.

Entretanto o sabio na lingua do Lacio acha o cofre e veia, d'onde extrahe custoso metal; metal que doura as idéas, dá garbo e concisão ao pensamento.

Admitto os vossos versos latinos, como curiosidade, que muito vos distingue. Fico que assim os daes á estampa, e não em desar do idioma patrio, ou por louca e prolixa vaidade.

O consul Posthumio Albino déra em Grego a historia do Povo Romano. *Desculpae* — disia elle — *os erros de dicção, porque a lingua é differente da latina, e por mim menos conhecida.*

Obigára-o áquelle trabalho a necessidade ou algum aresto dos Amphitryões?... Alimentou a sua vontade. Por onde o severo Catão assim o ridiculariza: *Te oro, quis perpulit, ut id committeres, quod, priusquam faceres, peteres, uti ignosceretur?*

D'esta arte, o estulto consul nada remediou. A satisfacção foi achaque.

Quanto a vós, pelo contrario, acho variedade, polidez, e concisão d'estylo. Sem inventar termos novos, que isso só foi dado aos mestres da lingua, daes ao pensamento o tom latino e côr viva; certo que, d'outro modo, as idéas, revestidas de termos emprestados, representariam a gralha, adornada com as pennas do pavão.

Bella é a estructura do verso; as leis do metro estão, rigorosamente, cumpridas.

Terminarei minha censura com as palavras de Plinio: *multa tenuiter, multa venuste, multa tenere, multa dulciter, nisi forte me fallit aut amor tui, aut quod me ipsum laudibus vexisti.*

Não será facil achar escriptores, cuja fortuna ou desgraça dependa de juizos criticos. Em nada diminuio a estima de Sallustio o voto de Quintiliano. Que monta ter dicto Horacio

At nostri proavi Plautinos et numeros, et
Laudavere sales; nimium patienter utrumque,
Ne dicam stulte mirati.

Tal testemunho deu mais dissabor ao censor satyrico, do que cuidado ao poeta comico, cuja gloria ficou mais brilhante.

O merecimento do vosso livro é intrinseco; fala por si; não pede elogios. Vai correr pela republica das letras. Será licito ao povo dar o seu voto com liberdade « *Populo libera sunto suffragia.*

Se apparecerem malevolos e mal intencionados, aconselho-vos a indifferença. Esta arma afugenta as paixões; e adduz tranquillidade tal, que pudéramos cantar sua cholera (não vale a pena) com tanta paz, como Homero e seus rhapsodistas n'outro tempo cantaram a cholera do filho de Pelêo.

Coimbra 20 de Novembro de 1861.

Francisco de Paula Sancta-Clara.

CARTA — PROLOGO

I

Correu, ha tempos, no ambiente do seculo, uma voz ominosa e sinistra, como a voz da gralha na *cava ilice* de Virgilio — A poesia morre!—Em tom rijo e valente soou, que ainda os echos estrondeam cá! Quem levantou o grito desolador e temeroso, certo lhe ajusta nome de hipocrita ou saudeu.

Foi uma atoarda vã, que está continuo a desequilibrar-se e a cahir ante o desmentido soberano de successivas e esplendidas *creações;* atoarda semelhante e mui parecida aquellas que por vezes, no longo itinerario da humanidade, lhe tentaram descorçoar alentos e incutir desmaios.

Um millennario depos a tragedia sublime do Golgotha, rumores de que o mundo tocava seu fim se espalharam aos quatro ventos: nove seculos volvidos, e egual pregão reboou por entre as turbas. O anno 1000 era como a preexistencia do famoso «*sauve qui peut*», nas planicies de Waterloo. Contrista devéras o miserando espectaculo de tresvarios e horrores, a que abrio ansa um tal boato. Tres annos não são passados, que desdenhamos uma egual visionice. A impressão suscitada foi debil, se desviarmos algumas *privilegiadas* excepções: tres a quatro Viscondes, ou algum deputado do centro. A humanidade continuou de jornadear affoita, surrindo ao pretencioso obstaculo. A poesia não morreu nem morre! por que a suave e graciosissima Flora das Lauras, Beatrizes e Natercias não ha hi poder que entenda em esterilecel-a, senão que, apujante de juvenilidade e seiva, remedra nas Elviras e Graziellas de Lamartine: porque a natureza luminosa da Attica e Lacio, ainda não desbotou em suas cores ou enrugou na transparencia assedada d'aquelles céos. E depois, a America, essa nova e prestigiosa Venus, não luxuría toda primavera e inspiração? Não morre, alfim, porque o immenso, o eterno—Deus—lá esta incessante evocando e revocando a vida. *Ella* poisará a fronte immaculada no mesmo tumulo em que morta descance a flôr, a mulher, Deus! como o creado e increado fôr em vasto ossuario! Respira ahi alguem de tão aceso e des-

mandado phantasiar, que sequer rastreie o aniquilamento? Sempre viva, quem apparelha o cinzel para lavrar-lhe o epitaphio é um atheo.

Se inquirirmos fundamento e motivos da asserção blasphema, talvez os deparemos na escassez e raridade do *poema*. *Poesias* hoje exuberão á farta; mas *poemas* de fôlego onde avultam ahi? Afeitos a reputarem de *poema* os compactos acervos de seis a oito mil versos, como vêem hoje em sua vez quinze a vinte estrophes sós, já bradão «esterilidade e impotencia!» Estes medem a poesia a palmos, e computam-n'a por algarismos.

O tempo das epopéas gigantes e das assombrosas fabricas literarias acabou no alvorescer da democracia e transmontar das monarchias absolutas. É que a epopéa se denuncia e revela como a fórma impreterivel das civilisações presididas e dominadas pelo homem colosso—semideos, ou heroe! Todas as forças e crenças, viver e sentir de certas epochas, consubstancia-as e resume-o *um*—patriarcha, maioral da tribu, rei ou imperador: familia, tribu ou nação, é *elle*! Na Iliada e Odysséa os protogonistas enxertam na raça eleita, nos predestinados caudilhos de guerra, ou reis de pequenos estados, mas sempre reis; Agamemnon e Achilles, Meneláo e Ulysses, entes de excepção, perdidos na auréola do endeusamento: hiatos monstruosos cavados entre os homens.

Elles, Senhores, Autocratas ou Divinos; os outros, escravos, ilotas ou proletarios, e nos interlunios apenas um punhado de homens *livres* no sentido da palavra então.

Foi mister que a hastea do Calvario — Jesus — viesse rehabilitar seu filho valido, o primogenito da intelligencia para que o homem se illuminasse na consciencia dos seus direitos.

A igualdade proclamada pelo Christo jazeo largo prazo no estado de letra morta; poucos comprehenderão o evangelho, e o resto encalcou-se cada vez mais nos moldes pagãos. Religião, moralidade, codigos, instituições se amostraram, com leve differenca, sequencia vergonhosa da sociedade grega e romana.

A Roma Catholica nas bacchanaes e violencias infames dos Borgias era apenas a synonymia lustrosa da prostituta dos Neros e Caligulas. Ás Messalinas succederam as Olympias e Tiresias; aos metros de Catullo e Propercio, sonetos de Bembo e Bentivoglio.

Poucos comprehenderão o Christo — escrevemos nós — mas pouquissimos o apostoláram. Escancarava a fauce tempestuosa das chammas o terrivel *quemadero*. A inquisição começava de realisar o Saturno da fabula, devorando os proprios filhos. As almas candidas e formosissimas de João da Cruz, Luiz de Granada, Carlos Borromeu, acalcanhava-as em suas aspirações e

fervorosos impetos para cima. E tu, pobre Theresa, espirito gentil e acceso, como o pollen vertiginoso das palmeiras, Sapho turbida e delirante do christianismo?... Oh! muito amada de Jesus, como não padecerias nas entranhas maviosas, por te ver joguete e ludibrio de peiores Phariseos!

II

Quando os brios e energia cavalleirosa do feudalismo quedarão suffocados no peito dos leões do Norte pela mão violenta do papado, quando o bafo mephitico e pestilencial que vaporava de Trento insuflara o virus do Norte nas nacionalidades do meio dia, e o pensamento d'Hildebrand passava á incarnação, Camões e o Tasso, architectavão a fabrica majestosa dos Lusiadas e da Jerusalem Libertada, Epopeas ainda, porém reçumando já os visos do resgate: o povo já alli sae á praça personificado naquelle Nestor, o velho da *barba veneranda*, que reage, apostrophando em estancias sublimes, com a vontade do fortunoso monarcha.

Descortina-se n'aquella penumbra, que chegou a hora da muita luz: todavia nos Lusiadas se enláção e harpejam muitas estrophes lyricas repassadas e ungidas d'uma melancolia suavissima. O lyrismo é de todos os tempos e logares; porém completo e sazonado só nas epochas recentes se manifestou. É a fórma que caracterisa o seculo XIX.

Muitos o julgam peculiar das civilisações infantes; com o absoluto da proposição destoamos nós. Que a poesia lyrica existisse nos tempos primitivos, não negamos; mas restricta e limitadissima sem transcender a escaleira de reconhecimento e de gratidão ou rogativa á Divindade. Era puramente sacerdotal. Depois da fé, o amor, fatal e terrivel, mas sem as peripecias lancinantes e excruciações multiplas e variadas do sentimento moderno.

O lyrismo apparece em toda a parte e em todo o tempo; porque sempre o homem cantou e soffreo. Mas nem sempre as lagrimas e os jubilos lhe humedeceram ou irradiaram livremente a face.

Quantos choros represão! quanta alegria sepultão nos recessos do coração, não podendo desabrochar á luz! Se o tentassem, lá estava o algoz com a esponja embebida do fel, para enxugal-as! A naturesa humana é boa, compassiva e sympathica nos soffrimentos d'outrem. Se lhe espreitasse os olhos macera-

dos, e os labios trementes pelo estertor dos soluços, movia-se, e d'um impeto... ai d'elles!

A logica do despotismo é sem entranhas, como todas as logicas.

Hoje as summidades no mundo triplice da força, intelligencia, e virtude minguam e rarêam: a rasoira da civilisação nivelou os homens. Os relevos achatados destacam pouco. O homem val, e sente valer-se outro. Triumpho definido da individualidade está a pique de ser colhido.

Assim a epopea desapparece, e o lyrismo, vivido e iriado de resplendores, balança-se horisonte em fóra. Napoleão e Garibaldi são as ultimas iliadas a escrever. Esses ainda nos dominam e assoberbam pelo talhe homerico, a que circumstancias especialissimas os remontáram.

O poeta d'antes escravisava-se ao assumpto; hoje avassala-o. A antithese é palpavel. A sua divisa e mote outrora rubricavam-se «*tyrannia de Deus ou do homem*»; agora *liberdade*, *anarchia*, na significação honesta da palavra. Vel-a a cheia, brilhante revelação do decálogo do poeta.

É porisso que o mundo actual é todo lyrismo e drama.

III

Escrevendo de Camões ser elle o coronal dos maiores lyricos do mundo, não visamos ao escopo exclusivo de o assentar primeiro na historia da poesia. A lei da solidariedade immanente á substancia do homem véda a explosão subitanea e inesperada do genio solitario, absoluto e autónomo. Tudo ao contrario se trava, enreda, e relaciona. A independencia no seu rigor metaphysico applicada ao *eu* fallece de sentido. A vida é a relação, e o genio por mais altaneiro e poderoso não se exime incólume ás leis do *grande facto*.

A historia humana, como a historia natural não caminha aos saltos. O mote de Linneo é d'uma verdade incontrastavel para ambas as divisões. Mais d'um Baptista madrugou o Christo. O lyrismo, repetimos, é complexo, trino. É o individuo em relação com Deos, com a humanidade, e comsigo mesmo. De cada uma d'estas rebentam e se expandem notas cantadas d'alma, já puras e invioladas como o fumo, que exhala o thuribulo, já torvas e immaranhadas, como o vapor crasso a innovelar-se em phantasticos meandros do fundo dos pantanos.

A *Sybilla*, a faculdade synthetica, a intuição de Deos arraiou esplendorosa desde a antemanhã da molécula intelligente; desde o Adão, Brama, ou Vischnou. Mahabharata e Ramayana são um alar-se e subir continuo para Deos, um hymno infrangivel e maravilhoso despedido e atirado cá de baixo para o ceo.

Seguramente por lá tambem reverbéra e flammeia o facho do amor. E na antiguidade da Grecia e Roma relumbra em tragedias sublimes vehemente, incendiado e estuoso, como a flamma, e intonação da lava; ainda que sempre dominado e esculpido nos moldes intransitivos do *fatum*.

Parta-se a algema ferrea, rompa-se o circo, desole-se a compressa abafadiça; no Oriente amanhece o diluculo da redempção!

O Scepticismo então trará ao lume d'agua a cabeça minacissima, a lingua incisiva e floreada cuspindo a peçonha incaroavel para a ambula santa do coração...

E depois o scepticismo oriental, a duvida do Patriarcha d'Hus, é um acto de fé, um balbucío infantil e candido ao pé das excruciações e pungitivos alanceamentos do abutre no prisioneiro do Caucaso!

Job ainda vacila e trepida; o clarão do arrependimento accende-se-lhe na alma, e o lume deslumbrante de Jehovah assoberba-o e quebra-lhe os olhos pouco affeitos.

Não assim o do Occidente. Aqui brame e estoura a imprecação, a blasphemia, a revolta indomavel; além implora-se o perdão, e sente-se o limar doloroso do remorso nas fibras da consciencia.

E d'Eschylo a Shakespeare, e de Prometheo a Hamlet, que longinquos estadios transpassados. O Grego affronta a divindade e o barbaro sublime da Gram-Bretanha o amor... e que amor? o de mãe! Se a vaga sustará as furias desfeitas e revoltas? Avante, avante, Ashaverus! apenas roçaste o labio com a esponja, já anhelas desvial-a!...

Pegae do mappa-mundi, e abri-o na carta da Europa. Inquiri a Allemanha entre as linhas coloridas que por lá meandrão. Vêdes aquella planura infórme, desbotada e sem drama, apenas rasgada d'algumas betas argentadas? É ella! é a velha Germania! out'rora a frondescida de possantes robles! — é a tripode do mundo! Alli o sol, como que fatigado da comprida carreira, adormece na escumilha fluctuante da nevoa; os raios coados atravez da tela movediça quebram o fogo semivivo nas pregas do ambiente; e a terra, como um tumulo esclarecido pelo vasquejar intermittente dos brandões raro despede ao ar garridice e flores.

Sem os esplendores do festim, que lhe exaltem o espirito, o

homem dessora em valente imaginar e fundo discorrer os feriados da naturesa.

Tocado a espaços na face pelo bafo gelado do *martello*, busca offegante a restea vivifica do calor, e na penumbra indecisa, dubia, em que o banha a latitude descaroavel, segue por afanosas veredas a luz anciada.

É por isso talvez que a irradiação da intelligencia é magnifica alli! e que as mais bellas, mais augustas funcções se operam n'aquelle cerebro do mundo. A metaphysica coube-lhe em partilha entre os dons da herança...

«Luz! mais luz! ainda luz, Senhor!» O mote que rompeu o labio moribundo de Goethe, é como o epilogo das aspirações e tendencias da Allemanha. Ella pensa muito e sente pouco. O philosopho desthrona o artista, e o Scepticismo de cabeça torreja desassombrado a expensas do scepticismo de coração. É n'estas paragens que nasceu Fausto, monumento supremo, que vence os maiores da arte.

Fausto revela, como o ponto culminante da escala do lyrismo.

Eil-o sentado na massiça e robusta cathedra d'espaldar, meio curvado para a gothica mesa de castanho. Estanceia no centro da vasta e longa quadra. Crêreil-o possesso da febre do estudo. Philosophia, Jurisprudencia, Medicina, Theologia, toda a gamma da sciencia humana, todos os fructos da arvore ha provado ... e todavia é pouco, é nada. Anhela. delira pelo infinito, pela luz na sua essencia!

A vida é breve, e a arte longa. Elle quer exhumar dos recessos da terra a palavra do enigma! D'ahi o engurgitar-se a peito cheio nas procellas desfeitas, nas voragens hiantes e embriagadoras, no Oceano alfim da magia! A miragem endoudecia-lhe a mente aventurosa, captivava-lhe o espirito irrequieto e indomito á procura do desconhecido. Porém cedo a feiticeira desataviou galas e primores, que cego o tinham. Desprestigiou-se a illusão, borboleteou e morreo durando o que sóe durar

Aquelle engano d'alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito.

Quebrou-se emfim o encanto! e ao cabo de tanta lida só topou com aquella voz tão acentrada do desespero, e que o seculo antolhou absorto na memoria das esperanças mortas; fatidico *mane, thessel, phares*, das eras novas; maldicta seja a fé! maldicta a esperança! maldicta sobre tudo a paciencia!

IV

O circulo fatal estava percorrido. Ás gerações vindouras cumpria inflammal-o na chamma do coração. Toda a litteratura da actualidade se apara nos moldes do Fausto. O seculo XIX trasborda de scepticismo desde Lamartine até Vigny. Agora ao meiodia o queimál-o nos carvões incandescentes dos intimos holocaustos, e exaltál-o com a verba apaixonada dos estros bucornaes da Psyche ardente. Não tem sido outra a ambição da nova litteratura. Pouco mais ha dilatado a arena aberta pela reflexa e pensadora musa do valido dos Medicis de Weimar. A analyse psychologica cedeo o campo ás farturas e galhardias do estylo.

Se exceptuarmos Balsac, Senancour, e ainda Karr, e talvez algum outro, que nos não lembra a poncto, toda essa pleiade de juvenís e fogosos escriptores desbaratou o ingenho e força no arredondar do periodo e lapidar de phrases, avivando todavia com os tons do sentimento os mais rebeldes e aridos assumptos.

Entre o sem numero d'incriminações azeiradas ao seculo, que passa, destoa com todas pelo clamor unisono a que o nomeia—materialista. Parece-nos com tudo lavrada de corrida tal sentença. Seu reverso é qne seguramente julgamos exacto. Tomadas as couzas pela apparencia, paradas á superficie, sem nos atrevermos a calar no amago e na essencia, todas quantas sãô, nos apparecem mais ou menos tingidas d'um verniz materialista. Então afigura-se-nos a humanidade incommensuravel estomago, para cujo enfarte convergem todas as faculdades superiores. O agio, a letra de cambio, a machina de vapor, as telegraphias e outros portentosos milagres da industria, brada-se por ahi, que descarnam a poesia, e desfolham a imaginação, sobrexcitando os poderes intellectuaes aponcto de fazerem com que desdecorem a moralidade, e sua motriz, o amor. Tem de feito sua baze o interdicto. O nivel moral tem abatido, o desfallecimento do grande nucleo da vida, o amor, não é menos certo, e d'ahi pegam a devastar e corroer o mundo cancerosas fistulas. Sim abundamos. Porém a causal não é a industria; mora toda na emersão esplendida da individualidade e como lógico consectario, na fortaleza do mesmo amor.

Remidos pelos inventos e recursos da tão calumniada industria, o manceho escriptor converte os ocios, e repousos, que ella choveo, em operações do espirito.

Pensa, imagina e sente um mundo melhor, um mundo seu, fitando com o acume d'aguia esse outro em que se agita uma plebe maltrapilha eivada de podridão. No espelho da consciencia vio-se gigante em face d'asquerosos pygmeus.

Resalta o orgulho, a aristocracia da sua personalidade. Sequestra-se das turbas, e só folga e expande-se na convivencia intellectual d'alguns amigos. Os impetos da sua fina organisação levão-no á sympathia de tudo o que vive e brilha, resplende, tem cor e fórma... acerca-se da mulher. É bella, deslumbrante, e artistica na maviosa flexibilidade dos contornos, na puresa inviolavel das linhas, no mimo suavissimo de cada feição. É a mulher typo, esmero da plastica. Lysippo não desdenhára affeiçoal-a assim das entranhas dos marmores de Paros... Condirá a fórma com a essencia? Oh! que não!

Viciáram-na, cuspiram-lhe peçonha nas mais ricas e luxuosas tendencias para o bello. A bellesa externa espaneja-se tentadora aos olhos da face: mas a belleza intima para contentar as exigencias do poeta, que é d'ella? Apparece o vacuo... lembra a Galatea antes d'animada pelo fogo do ceo.

Sonega-se á vista adultera de profanos a formosa e candida Psyche, só bem ao fundo de tabernaculo arde a lampada sagrada, porque ao sopro de fóra ia-se quasi apagando. Pungido da queda, infernado, mas altivo, o poeta deslembra o mandato divino, esquece as tabuas da lei, sem curar o apostolado, e adormece inglorio no colchão do egoismo. Na vida practica submette-se ás conveniencias da boa sociedade. Come, bebe, e reputa a mulher, como o outra gente, um capital, uma mannfactura, um movel de luxo. Porém isto é mascara, é vida e calculo e emprestimo, que desmente o livro em que derrama toda a abundancia da sua alma. Transfigura-se para que as váias tabernarias o não assaltassem na estrada. O amor connexo com a sua indole brilha a coberto do mundo pelo amícto do pudor.

Nas horas caladas da noute, ao tremeluzir das estrellas, como quedem de todo ruidos da terra, practíca desassombrado com as mysteriosas virgens que se debuxam na cortina alvacenta do rio... Depois engasta as confidencias segregadas aos entes formosos da idealidade na cadencia sonora do metro, ou na prosa florida do romance e drama.

Não será por ventura Lelia a incarnação sublime d'esta situação? O modo de ser d'essas existencias curtidas no amor e no martyrio impossiveis?

Nas vocações poderosas o amor é pois a substancia, a tela em que se desenha a maior parte dos phenomenos da vida. Pelo que toca ás camadas subjacentes, ás classes numerosas do ope-

rario, basta recordarmos a sua origem para que a taxa do materialismo tambem se desluza.

Quantos somos hoje, todos nascemos da revolução, incuba de nossos embryões. Em suas fornalhas amplas incendiadas nos coseram e temperaram. Do caos tempestuoso d'essa incubação surdio para a terra, na phrase pittoresca de Musset, uma geração ardente, pallida e nervosa! geração feita para assistir ao espectaculo inviosado e imponente de milagrosos heroismos e inauditas torpezas. Tudo se baralhou e convolveu.

Mulheres e crianças contemplarão no curto lapso d'alguns minutos o que jámais viram, em muitos annos, experientes senilidades.

Concebida e puerperada nas ancias febris d'um risco imminente e perpetuo, entre os hurrahs caboticos das *tricoteuses*, e as bibulas agapes das praças, entre as saudades d'um mundo, que morria, e as esperanças d'outro surgente nos horisontes, na suspensão dubia entre a vida e a morte, na cuspide estonteadora da montanha de dous pendores; um resvaladio, e crespo d'urzes bravas, que deitava para as fauces hiantes da guilhotina; e o outro para as contingencias lancinantes da lucta com os inimigos da liberdade e da patria; assim concebida veio impregnada da eiva de tão contrarias impressões. Depois ainda crescida e embalada nos haustos vulcanicos, que respirava o pulmão immenso d'esse Ashaverus terrivel, d'esse Harold das mil batalhas! Tal raça affeita ao continuo fluxo e refluxo dos acontecimentos, exposta á onda contradictoria dos fados, por natural instincto e intrinseca tendencia, que em todos ha, para a fixidez, creou um ideal, cujas fomes não bastava a pascer a viciosa organisação social.

Não sonhou, nem outras causas lhe indoideciam a mente, que não fossem visões de gloria. E como esta fosse inexequivel com o arranco extremo de Napoleão. vieram a tomar-lhe o passo a miragem prestigiosa da liberdade e a industria, que pululava n'esses tempos medrançosamente. Objecto ubiquo, universal e sublime, a que se roscáram as fibras de tammanhas almas, magnifica Iliada escripta desde as cryptas do carvão de pedra até o raio empolgado dos seios da nuvem por *trabalhadores—poetas.*

Cada uma d'estas maravilhosas entidades, atadas entre si por estreito nó, teve em periodos marcados seu culto e decidida religião; mais vastas e complexas de que a mulher, só ellas podiam contentar as ancias impacientes do ideal moderno. No emtanto a mulher partida do mesmo ponto caminhava e seguia por diverso rumo; voltando-se para o passado na religião, no amor, e nas instituições, cortava por um *rail* divergente. Como

saberiam pois tão oppostos nas mais intimas tendencias, homem e mulher, conchavarem-se e arribarem em harmonia ao matrimonio na significação logica da palavra?

Assim desavento o porque o seculo seja material.

Se o casamento rareia, se a concretação do amor, a identificação das almas, assume aspecto de milagre, emfim se o casamento transmudou n'uma opcração de arithmetica, é porque a mulher desmandada por atalhos do caminho da redempção não deo, nem dá, os fructos, que pudéra, e devêra chover de si. Levante-se pois o interdicto, e fique assente «*mais, do que nenhum outro, corre o seculo á espiritualidade!*»

V

E o poeta geme, desatina e blasphema; cae no *egotismo*, não topando uma alma de mulher em que sôem echos da sua, tão arfada de generosa seiva.

Lembram dous viajantes, que fortuitos encontrando-se uma vez n'um ponto do espaço, fugirão horrorizados um do outro.

Poeta e mulher, infelizes! Distancêa-os um abysmo medonho, e o divorcio moral entrou-lhes até á medulla. Supplicio atroz e unico! Sequiosos, com os labios arados da febre, a espadana viva e convidativa a acenar-lhes na fervença das limpidas espumas, e elles sem poderem acercar-se d'ella!

Ainda insistiremos na exigencia crua d'arrancar-lhes á lyra o poema, quando elle não tem mais do que a peripecia solta, a lagrima furtiva, o doloroso, mas breve, gemido da corda, que estalou?... A indole da poesia lyrica recusa diversa fórma; chora, canta, ou agradece sem derramar essas commoções em milhares de versos. Podia emittil-os de si, que o instrumento é infinito; porém, como a eólia, só despede a nota quando o sopro da terra lhe percute as cordas...

Tu, meu amigo, és poeta, e poeta d'hoje... és lyrico!

Virías ao mundo sob o influxo sinistro d'um máo horoscopo?

Não creio. O soffrimento é fecundo, é a condição da vida no bello irradiamento. D'onde brotam, surdem, riem e borboleteam verdes e flores, ramos e fructos, senão do seio da tormenta, da asa pavorosa do vulcão, da caudal soberba e cheia d'impetos? Quem desentranha do silex duro a centelha luminosa, senão o choque da montanha? E á parra quem desora o succo inebriante.. quem? senão a lava fumegante, que se atira pela encosta abaixo? Soffre, soffre! cada soffrimento te será contado e cada lagrima te desabrochará em flor lá no Paraizo! Já o extremo halito do moribundo ou o arquejo d'um peito exanime te corroêo a face,

e verteo no ouvido o accento da morte? Já viste o alvejar da mortalha sobre o cadaver da mulher amada, e a grinalda de rozas brancas coroar-lhe a fronte para a visita do desconhecido? Apraz-me crer a negativa; aos vinte annos, relegado na provincia, poeta como es, os olhos levantados ao ceo, abatendo-os para a saudade de tua Mãe, ou para os livros, não é ainda chegado o tempo do amor. Cá em Portugal nasce-se para o amor, quando lá fóra se morre para elle. Goethe aos vinte deixou o amor para não malbaratar o tempo.

Não amaste ainda, mas já *détrompé sans avoir joui, il reste encore de désirs, et l'on n'a plus d'illusions. L'imagination est riche, abondante, et merveilleuse; l'existence pauvre, sèche, et desenchantée. On habite, avec um coeur plein, le monde vide, et sans avoir usé de rien, on est desabusé de tout...*

Choras uma illusão, não é verdade? e que illusão! tão candida! Leváram-t'a entre um coro alado de formosos anjos para a muita luz, a fragrancia pura e o ethereo amor! Então embaciaste os olhos de lagrimas, e cristallizaram-se para que tu visses no cristal a imagem d'ella. Vive alli, escusas de ir além a vêl-a.

Ás vezes quando a vaga
Do sol já perde o brilho,
E ao languido tomilho
Da folha a côr se apaga...

Que muito não doeria a magua da partida! que amargo calix a haurir, se anhelavas o vôo da metade d'alma que ficava, para alcançar a outra que fugia!

Oh! na mansão celeste,
Aonde sem mim subiste,
Se lá os ais do triste
Ouvir emfim pudeste,

O calix não engeites
Das lagrimas, que choro!
Oh! pede ao Deos, que adoro
Que cedo lá me estreites!

Mas que ouvio?

Foi ella?... a sós com ella?...
Falei comtigo? ó magua!...
Algum gemido d'agua,
Que foge á branca vela...

Poesias d'estas só a vocação inspirada de João de Deos as deitára fóra. Nem sabemos na historia do lyrismo moderno de muitos trechos superiores.

Ha dous conceitos que de ha muito foros e direitos de cidade conquistáram no mundo literario. Résam assim: *o estylo é o homem — o rosto é o espelho da alma.* —

Por esta vez resignem-se os dous pretendidos dogmas ao desmentido, que lhe contrapões. Quero falar das *trevas* e do *mysterio. O estylo é o homem, o rosto é o espelho da alma. Qu' est-ce que celà prouve?*

Fitai-me aquella oval pallidamente sympathica, aquella fronte curvada graciosamente em arco-iris, resaindo de leve pelo bater macio das azas do pensamento.

E os olhos? Aboiados n'um fluido luminoso sim, mas sem o deslumbramento do carbúnculo, cáem meigos e maviosos, como os da pomba. Ninguem dirá «n'aquelle cerebro ferveo e pulou em revolta cachoeira a idêa candente das *trevas.*»

Aquella face offerece antes um espelhamento da scisma e *rêverie* contemplativa das madonas de Raphael, do que a duvida pungitiva do *mysterio.*

O mais pintado physionomista ficaria derrotado perante elle. Quando Sanctos Valente nos leu a mim e alguns amigos esses versos, a primeira impressão vibrada foi a do pasmo. Olhámonos, e espontanea cahio do labio a interrogação «Por ventura será isto engodo do Sanctos?» Não o era. E todavia contestes votaram contra a physionomia e tirocinio literario, que lhe sabiamos. O nosso Poeta lida desde criança com gregos e romanos. Sabiamol-os seus dilectos. Como explicar pois grande parte do seu livro?

A literatura classica canta o acto inferior e pensamento material do homem; a violencia, a pilhagem, a taça do hydromel ou do falerno, e as menadas floreando o thyrso, na ode e na epopéa; e na tragedia a lucta com Deos, a virtude e a vida, menos do homem, que d'um ser abstracto. A poesia antiga é typica.

D'onde então o philtro corrosivo do desalento? Anda em moleculas tenuissimas por toda aparte, como a electricidade. É ubiquo; em todos os sentidos e poros entra e se insinua até o fundo da alma, conspiração d'infernaes potencias!

São d'elle, não ha negal-o: e a chave do segredo demora em que o poeta nem sempre o é. O — *est Deus* — póde asseverar-se uma rara intermittencia.

Quem nos déra vêl-o na sua esplendida transfiguração, como se dilatavam e contrahiam aquelles musculos e crespavam aquelles labios! .. Deve de ser uma formosa originalidade!

O poeta aqui conta-nos enlevos e fascinação das trevas;

nellas se apraz e delicia, como a borboleta na luz, e a abelha no calix da flôr.

E não te agrada a sombra,
Noite cerrada e opaca,
Tufão, que a selva ataca,
Trovão, que os mais assombra?

A luz é bella! Tudo aspira, endireita e anhela para lá! Porém

Que importa a luz de cima
A quem tão pouco dura,
Se após a desventura
O astro o não anima?...

Ávante! trepem com elle á cuspide da montanha, e lá verão

...serpe longa
Com roscas mal distinctas
Coberta de mil cinctas
Da nuvem, que se alonga.
....
Caindo a flux estrugem
As aguas das cascatas.
Que vae nas crespas matas,
Que recurvadas mugem?

Genios do mal, em bandos,
Parece lá vagarem,
Irem, virem, passarem,
Rirem risos nefandos!

Digão-me conscienciosamente se o Oberon de Philinto encella mais felizes onomatopéas, e valentia e propriedade de locução?

No *mysterio* o poeta transsuda a mais pungente desanimação. A queda horrivel da muita luz, dos orbes, da cupula celeste, das espheras, no abysmo, na treva... não esconde e vela os combates lacerantes do pensamento? depois d'alar-se pela meditação á altesa do Condor em busca do astro dos astros, innovelando-se nos fasciculos do que se lhe afigura luz... só palpa escuridão e horror.

Alma, porque te elevas?
Deus, que procuras, fóge-te!

A estrophe final d'esta poesia dóe e aperta como o especta-

culo irrisorio do *ascéta* enchendo a bilha nas aguas do Nilo para regar uma estaca secca, hirta no meio do deserto... Depois vem o *resgate*, consoladora e ungida de pura fé. O astro já emergio do eclipse, e pompeia agora no seu luxo de resplendores...

Bem vinda, luz do ceo, d'almo deleite!

Aquilatâmol-a, como uma das melhores do livro, e pedimos ao leitor intelligente que de preferencia a medite e estude.

Para muitos conterão as tuas poesias um capital defeito. Hão-de a coimal-as d'obscuras. Para mim tenho que constitue a obscuridade uma de suas grandes bellezas. João de Deus responde a egual accusação que á prosa cabe a clarêsa, e á poesia o mysterio. Abundamos no sentir do poeta e do amigo.

Em que se discriminaria pois a poesia sagrada do lyrismo da prosa pedestre, se não em a nobresa e lustroso da elocução, no atrevimento da imagem, na altura do pensamento? Fóra d'ahi é prosa.

Inda me pruíam desejos e vontade de ler ao publico todos os teus versos. Senão deponho a penna, abarroto-te o livro com o estirado prologo. Assim fecho-me por aqui e já não vem sem tempo, pedindo-te, como pede um amigo, que não adormeças sobre os louros da tua estreia...

E depois? Não se me ia varrendo da memoria que tambem ahi avultam versos latinos? Mas que direi d'elles? Repito-te o que um amigo versado n'estas coizas me dizia ha um mez «o Sanctos sabe poetar na lingua de Virgilio com a nitidez e esmero de Castilho.» A tua modestia recusa; porém o meu amigo que se avenha com ella, como poder, Eu d'ahi lavo as mãos.

Absolve-me da impertinencia, e adeos.

Teu do coração,

Germano Vieira Meyrelles.

PREFACIO

Desce, aérea phalange,
Vem para mim, confunde-me em tuas ondas,
Cinge-me com tuas alas inquietas!
Tu que, voando, sondas
Quanto o fluido subtil no espaço abrange;
E quanto as profundezas mais secretas
Do vago pensamento
Guardam em seus meandros escondidos;
E quanto sentimento
Incerram corações p'ra a dôr nascidos;
Tu, que, as horas de triste desalento,
Te appressas a roubál-as,
Trocando-as por imagens venturosas;
Vem! deixa as regiões, em que t'embalas,
E traz-me essas visões mysteriosas,
Que n'outr'óra em meus sonhos de creança
Em torno a mim fluctuavam
Involvidas em ondas vaporosas,
E sôbre a alma ardente me lançavam
O céo da doce esperança!

Risonha cohorte! Em vão, em vão a prece
Tentas cumprir-me anciosa.
Nem sempre a creação deliciosa

De meus sonhos dourados
Gratas coroas de rosas me entretece;
Nem os risos da infancia descuidados
Duraram mais que uma hora.
Has de tambem nas noites tenebrosas,
Onde o pállido horror e o susto móra,
Descer da aguda escarpa,
E saltando as ladeiras escabrosas,
Não já da eólia harpa
Soltar magicos sons, doce harmonia,
Mas vibrar o tufão, dar-lhe o rugido
Da pungente agonia;
E lançál-o ás florestas rumorosas,
Ou ao seio dos mares;
Varrer com elle o espaço confrangido,
Açoitar os palmares!

Mostrai-me então, espíritos ethéreos,
As pállidas imagens
Dos que a morte roubou! Vossos mysterios
Descubram-me nos claros das ramagens
As fúnebres mortalhas dos que outr'ora
Occulta sympathia
Ao meu seio junctou, na doce aurora
D'uma vida de dôr; quando sentia
Ancioso o peito por um céo d'amores
Contínuo palpitar, e livre ainda
Das pênas e temores,

Que n'essa edade alegre, amena e linda
Soffrem por um momento o véo dolôso
Do prazer e do gôso.

Volteae, volteae, legiões d'archanjos!
Correi, trazei-me as sombras indecisas,
Que eu amo em tanto extremo!
Mas, se virdes que o pranto me contrista,
Involvei-me nas ondas, que vos cercam,
Nas ondas, em que eu tremo!

ERRATA

Pag.	*Erros*	*Emendas*
XI	Obigára-o	Obrigára-o
XXII	horoscopo	horoscopio
8	corona?	corona!
16	Tardere.	Tradere.
38	Ou ás sombras	Ou com as sombras
49	D'um fortune	Dum fortuna
56	se açoute	se o açoute
82	guoffre	gouffre
94	pensées	pensers
95 lin. 11	com	con-
	tristurada	tristura da
	somir-lhe	sorrir-lhe
96	trophéo	trophéos
98	que não vae	que não vae já
123	cortil-as	contêl-as

CHELYS

CHELYS

I

ODE SAPPHICA

AD FRANCISCUM A PAULA SANCTA-CLARA

Perge, puer, cœptum tibi jam ne desere carmen.
EX NEMESIANI ECLOGIS

Te cano ignotus, tua miror omne
Exstitura aevum latiae poësis
Dona, quae Phoebi decus, atque Lusae
Gentis habentur.

In modos contracta, vel et soluta
Quaelibet scribas calamo perito,
Teque romanae referunt amantem
Omnia linguae,

Et recordantur vetus ac disertum
(Hoc enim diris abolevit armis
Postera aetas) colloquium, melosque,
Quod bene calles.

Nunc tibi Musae serere haud recusent,
Frontem ut exornes, hederae coronam;
Nectite, obtestor, juvenem poëtam,
Nectite, Musae!

Te quidem ventura videbit aetas,
Tumque gaudebunt merito minores
Inclytos te inter numerare vates,
Paula, latinos.

Perge, linguamque excole quam scis usque,
Patriam extolles, tibi comparabis
Gloriam, quam vis nequeat domare
Temporis atrox!

Parce, Lusorum decoramen ingens,
Te meis auso memorare parvis
Versibus; sed carmen item latinum
Est mihi cordi.

III

EPISTOLA

AD FERDINANDUM JOSEPHUM BARTHOLUM

Misisti quod opus, sapiens o Barthole, Buchler
(Romanos imitari optantibus utile vates)
Pergratum mihi quis fatear numerisque, modisque,
Acceptumque fuisse? exsolvam quas tibi grates?
Non ita, crede, tenerer, me si grandibus auri,
Argentive onerares donis; nam patet, unde
(Quod pluris facio) jam evadam dignus alumnus
Atque Deo Pindi, atque novem Parnasside lauro
Cinctis Musis... Sed propriis quid partibus ausus
Fidere, et aequo spes majores pectore pono?
Numquid ego quondam confidam proficere ex hoc?
Heu! desiderium atque relinquitur una cupido,
Nam neque Musae me, neque doctus amavit Apollo!

III

VER APPETIT

AD DAVIDEM FRATREM

Jam decessit aquosa hyems,
Verque imbres tepidum, frigoraque expulit;
Nec jam nix tenet horrida
Montes, aspera nec defluit aëre
Saevis grando aquilonibus.
Nunc vero Zephyri dulcia flamina
Terras excipiunt novas,
De coeloque fugant frigida nubila.
Dulces ingeminat sonos,
Concentuque vocat jam volucrum genus
Ulmi e frondibus, incipit
Qui fulgente dies sole superbiens.
Campos visere jam volunt,
Nuper quae fuerant clausae, ovium greges:
Campi floribus albicant,
Lucent et segetes, laetaque pabula
Mollis graminis; hic pecus

Aut stratum jacet herba, aut cytisum legit
Gratum luxurians agris.
Quae tandem adspice cumque alma animantia
Tellus protulit, omnia,
Frater, vere novo laetitia occupat,
Dulcedoque alacris tenet.
Ridet Flora per arva, et placido micat
Titan aethere candidus,
Noctis perque triplex diva silentium.
Coeli quae melior data
Divûm aetas miseris dono animalibus?
Ergo tu quoque gestiens
Cunctis laetitiae te socium addito;
Sed non immemor istius,
Tentat pectora qui morbus atrox tua,
Nunc, nunc sollicita prece
(Hoc in tempore enim mitior est Deus,
Pronaque aure rogantium
Lenis vota capit), nunc tu, age, supplices
Alta ad sidera tendito
Palmas, atque Deum eventa roga bona.

IV

PECCAVI.

AD FRANCISCUM A PAULA SANCTA CLARA

.....Quid enim contendat hirundo
Cycnis?

EX LUCRETIO

Ausoniam manibus chelyn ausus tangere rursus
Sacrilegis sum. Ignoscite, Musae!
Vos et, Manes o Vatum, ingens unde latinae
Laus aeterna in saecula linguae!
Tu quoque parce, Deo ductus qui nuper adisti
Musarum venerabile fanum,
Cuique nitet florens jam docta in fronte corona?

Quid tu stercus forte repertum
Vis ad inauratas, ubi tecum regnat Apollo,
Abjectum sustollere sedes?
Multa leguntur ad alta Deûm vaccinia templa,

Littore crescit inutilis alga,
Nulli grata: sit ergo haec spreta in littore sola,
Non illis adcedere fas sit.

Demens! sum causa ipse mali, dum carmina quondam,
Phoebi, o Musarumque sacerdos,
Haec tua ad unguem miratus perfecta, valerent
Ut latios aequare poëtas,
Illis quam obstupuit mens, non potui ipse tacere,
Qui studia haec fere spreta viderem.
Ausus tunc primum Musas excire latinas,
Digna darent quae verba libentes,
Te non erubui, laudes tetigisse tuasque!
Infremit indignatus Apollo,
Itque per ora meum ridendum nomen inepti.

Cur plectri discordibus, atque
Non meritis filis sumpsi te, Paula, canendum?
Parce! indigno ne injice dona,
Ast alii supra, si mavis, sidera laeto
Tollantur tibi carmine digni.
Mî saltem tua laus, nomenque in mente repostum,
Dum vita fruar, usque manebunt.

V

ODE SAPPHICA

AD ALBERTUM TELLES.

No *Penedo* da *Saudade*
Vim sosinho meditar.
GUILH. DE BARROS

Hic furens olim juvenis peremptam
Virginem jussu genitoris improbi
Immemor regni, populique rupe
Flebat in alta.

Hic die solus prope jam cadente,
Pectore ex imo gemitus in auras
Moestus edebat, lacrimaeque fusae
Ora rigabant.

Nonne sub noctis venientis umbras
Nunc quoque est visus tibi fronde circum
Ex odorata, teretique saxo
Surgere questus?

Nonne muscosi lapides madere
Humido fletu? folia, arboresque,
Aethera et saxa et resonare tristi
Cuncta querela?

O locus certe nimium beatus!
Hinc vides latosque patere campos,
Hinc et albentes procul esse villas,
Et sata laeta;

Hinc arenosis piger amnis undis,
(Quae jubar lunae referunt serenum)
Cernitur; cultos medius per agros,
Quos beat ipse,

Lentus incedit, segregatque lymphis
Urbis excelsae monumenta sacra:
Inde ranarum sonus usque nostras
Pervenit aures.

Huc veni, Telles, tacitae per umbras
Noctis, ut coelum nitida astra pingent,
Aemula et solis speciosa luna
Deteget arva;

Huc vocant Musae, studioque grato
Nos decet parvum posuisse tempus;
Palladem juxta latet hic in umbra
Palladis ales.

Hic opes natura oculis aperta
Praebet immensas; Deus undique adflat...
Jam veni! reddit philomela carmen
Valle reducta.

VI

SOLITUDO

Na solidão mostra-se-nos Deos em tudo
ZIMMERMANN

Lucida per coelum micat inter sidera luna,
Sub liquidis nebulis;
Suaviter in lucis zephyri nunc murmurat aura,
Et fugiens virides per valles gramina rorat
Rivus aquae tenuis.

Hic ego vel montes lustrans et culmina celsa,
Vel prope lentus aquam,
Sollicitos quocumque oculos cum mente volutem,
Cuncta et opus fateor mira divinitus arte,
Munus et esse Dei.

Sed bene quis nostrûm norit primordia rerum?
Quis propiusque Deum?
Hunc statuit sane, quamquam monstretur ubique
Dextra ejus omnipotens, vanos natura latere
Usque animos hominum.

Quae miseros, quae somnia eos sibi fingere cogis
Abdita mundi anima!
Quîsque juvat curis obnoxia stringere corda,
Ac dubiam mentem partes impellere in omnes,
Sicque agitare diu!

O montesque, silensque recessus, et loca sola!
O avium moduli!
Hic Deus, hic nobis vere commercia coeli!
Hic tristes licet ultro nos deponere questus,
Hic aliturque fides!

Hic graves hominum fugimus fraudesque, dolosque,
Nosque latent scelera;
Gaudet et insons mens, semper sibi conscia recti;
Dulcis et hic studiis jucundis labitur aetas,
Ac manet usque decus!

VII

ODE SAPPHICA

AD INCLYTOS VIROS,

QUI NUPER LUDOVICO DE CAMÕES STATUAM PONERE SUSCEPERUNT

Quis graves pugnas, variasque gentes
Audeat longo memorare versu,
Saepe quas olim superavit armis
Lusus, et arte?

Traditur fuscos Libycis in oris
Pileo cinctos, gladioque Mauros
Caede punitos, iterumque poenas
Jure dedisse.

Et novo pigram petiisse cursu
Indiam patres, pelago subacto,
Qua jacet torrens plaga, quae furentes
Vergit in Austros:

Ultimum et solis propius cubile
Postea densa tetigisse classe,
Unde non visae patuere gentes,
Alter et orbis.

Et mari et terra dominator ambos
Ad polos secum tulit arma Lusus;
Nomen extremos tenuitque terrae
Famaque fines.

Sed quid has quondam probat exstitisse
Inclytas laudes, decus atque tantum?
Prisca nimirum labefacta virtus,
Imperiumque.

Novimus bis sex subiisse lustris
Aspera hispani juga Lusitanos;
Inde non nullam trepidasse praedam
Tardere victos

Ante quaesitam nimio labore
Hostibus, vires quibus addidere
Imperî casus, veluti leonis
Funus asello.

Qui vetus robur simul imminutum
Sentiunt, sumptis animis, ab omni
Parte consurgunt, neque jam verentur
Bella ciére.

Postea infaustis agitata pugnis
Pristina armorum ceciditque virtus,
Dîs et aversis, aliena passi
Sunt juga Lusi.

At magis rerum properat magisque
Casus, et sontes premit atra poena;
Temnitur Lusus; vitium sed intus
Causa doloris.

Vidimus cives proprios moventes
Impia in fratres rabido furore
Arma, quîs orbem licuit recludi,
Atque domari:

Qui brevi sternunt monumenta regum,
Ac Deûm saevâ pia templa dextra,
Cuncta miscentes animis protervis
Sacra profanis.

Impii magnas potuere vires,
Longa collectas et opes per aeva,
Seque et omnino sua regna duro
Perdere bello!

Sic ferum quondam perhibent Lycurgum,
Thraciae regem, lacerasse stricta,
Numen ob laesum, sibimet furentem
Crura bipenni.

Scilicet laudes veteres perirent,
Tumque nescirent, rapiente bello
Cuncta civili, generosa nati
Facta priorum,

Ni gravi Lusûm faciles triumphos
Scriberes versu, memorande vates!
Quem tamen nulli memoratum iniqua
Sors agitavit.

Qui graves pugnas, variasque gentes
Ausus aeterno celebrare versu,
Saepe quas olim superavit armis
Lusus, et arte;

Patriis longe segregatus arvis
Ipse in ignoto cohiberis antro,
Multa perpessus graviora, quam fas
Credere quemvis.

Te tuum fertur specus, atque vastus
Pontus, et Serûm ingemuisse colles;
Tunc at (infandum!) patriam videres
Usque silentem!

Sed dies tandem venit illa, Cives,
Debitis qua nos licet expediri:
Jam brevi nunquam peritura Vatis
Stabit imago,

Quae genus nostrum feret usque ad astra,
Posteris caros facietque semper.
Nunc eis, tentant ea qui parare,
PLAUDITE, LUSI!

VIII

DIRAE

(Quum acerbus quidam dolor auctoris animum exagitaret, exorsa repente in omnia, quaecumque sese ipsius oculis offerebant, malesano odio, haec in verba prorupit:)

Ducite, postremi flatu strepitante procellas
  Venti! jamque ruant quae sua tecta modo
Extollunt pinus superas audenter in auras!
  Aequatas velim cernere prorsus humo!

O quatiat, quatiat subito mihi culmina fulmen!
  Montes et vertat, vertat et arva mare,
Quaeque meum nunc exacuunt invisa dolorem!
  Non pateat coeli suspicienda plaga!

Undique quassatas in terras irruat imber!
  Sidera, lux pereant, magna Deique domus!
Luceat haecque dies vastatis ultima terris!
  Atque iterum tenebras congerat inde chaos!

TRADUCÇÃO

MALDICÇÃO!

Trazei, ultimos ventos, retumbando
As borrascas, trazei! cáiam feridos
Os audazes pinheiros, que ora os cumes
Com mal soffrido orgulho aos ceus levantão!
Quero-os ver sôbre o pó tombados, mortos!
Bátá-me o raio subito as alturas,
Os montes me-destrua, o campo, os mares,
E quanto a minha dor com a vista affronta!
Nem se-descubra mais o espaço aos olhos,
Sôrvão aguas a terra dissolvida,
Sumão-se astros e luz e firmamento!
Ultimo dia á terra este fulgure!
Involto em trevas resuscite o chaos!

IX

VALE

AD FRANCISCUM A PAULA SANCTA CLARA

Coeli incolarum quis teneat manu
Ferme cadentis curriculum citum
Anni, decet quum te hinc abire,
Ut patrias tueare sedes?

Heu! jamne nostris ex oculis procul
Cessurus? ultra nec propius sacris
Lauris onustum te videre, aut
Docta sequi licet aure verba?

Quis deinde amicum consilium ferat?
Ut scripta purget, quemve adeam virum?
  Quae nunc meis sit, te remoto,
    Carminibus ratio, locusque?

Ast ibis! hoc nam mobilis imperat
Fortuna, quae nos non patitur loco
  Constare tranquillos eodem,
    Sed modo nos rapit huc, modo illuc.

Sic te secundo deferat omine
Quicumque coelum continet et mare,
  Terraeque dextra orbem potenti,
    Innumeros regit atque mundos,

Optata jamjam tectaque, ruraque,
Caramque iturum sedem, ubi lux tibi
  Adspecta primum olim, ac dederunt
    Blanditias puero parentes!

Mi vero, Paula, spiritus artubus
His ante cedet, quam tua desinam,
  Utcumque possim, claraque in me
    Officia, et celebrare nomen.

Est hoc vel unum, quo valeo tibi
Grates referre; at tu memor et mei
Custodias saltem parumper
Mente, precor, licet immerentem.

LYRICA

LYRICA

I

SOLEDADE

Não sei se me-voou, se m'a-levarão,
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não chorarão..

JOÃO DE DEUS.

Em vão d'ardente amor inda me-inflammo,
Gozo-te em vão das auras no perfume!
É hoje a dor, que a vida me-resume,
Vae-se o alento nos prantos, que derramo.

Foste, virgem, a flor levada ao ramo,
A pomba, que fugiu ao filho implume;
Do sol morrendo á tarde o doce lume,
Que das aves não volta ao vão reclamo.

Se nos braços da mãe, que o filho embala,
O filho, o terno filho, olhando-a, expira,
Que dor a dor da mãe excede... eguala?

Pois como lá se-accende em fogo a pyra
Da mãe no afflicto seio, em que a Deus fala,
Tal arde o meu por ti, por ti suspira!

II

MYSTERIO

Noute serena e tepida!
Noute de mil perfumes!
Fulgor d'esses teus lumes
Vem accender-me o espirito!

Com elle em ancia agita-se,
Da terra esquece encantos!
Teus éxtasis mais sanctos
Acima do orbe elevão-n'o!

Busca a divina essencia...
Aos mundos, que a-involvem,
Se-ergue, e não o-dissolvem
Lumes, que lhe-ardem proximos!

Vôa nos raios fulgidos,
Toca a ultima esphera!
Se crê, deseja, e espera,
Esperança aqui avive-se!

Suba! rompa o involucro!
Não cega a luz immensa!
Não desfalleça a crença,
Confirme-a a luz do empyreo!

Um pouco avante... subito
Cae em profundas trevas!
Alma! porque te-elevas?
Deus, que procuras, fóge-te!

1861

IIII

A TARDE

O dia
Tão lindo,
Fugindo,
Me-envia
Tão célica,
Angelica
E maga
Poesia,
Que a mente
Me-vaga
Por mundos
Jucundos,
E eu sinto
Que minto,
Se digo
Soffrer.
Amigo,
N'esta hora
De tantos
Encantos

Lá fóra
Saltemos,
Folguemos
Agora!
Ao campo
Saiâmos,
E vamos
Ver meiga
Na veiga,
Que é perto,
A tarde
Morrer.

Concerto
Nos-guarde
O bando
Pennigero,
E o gado
Lanigero
Seu brando
Balar.
  Á sombra
Nos-vamos
Da annosa,
Frondosa
Carvalha,
Que espalha
Seus ramos
No ar.
  Ouço hymnos

Divinos,
Que em córos
Sonoros
As aves
Suaves
Têem d'uso
Entoar.
E o fuso
Volteia
Distante
Da aldeia
Chibante
Zagala,
E abala
A fiar:

Levando
Fiel bando
De velhas
E novas
Ovelhas,
E brancos
Cordeiros
Por covas,
Barrancos
E outeiros
Gibosos
A ir;
Formosos,
Mimosos,

Airosos
Correndo,
Comendo
No prado
Bordado
De plantas
Erguidas,
Crescidas,
E tantas
A abrir.

Serpeia
Na areia
Regato
Mui grato,
Que em dura
Pedrinha
Saltando
Murmura;
Caminha
Brincando,
Lavando,
Beijando
Na agua
A anagua
Da guapa
Aldeã;
Que tapa,
E occulta
A perna,

Que avulta;
E a terna
Simpleza
Mais belleza
Lhe-torna.
Na morna
Lagôa,
Que em frente
É assente,
Resôa
Estridente
Cantiga
Da rã.

E a torre
Da egreja
Antiga,
Que alveja;
E a lapa
Sombria,
Que ao dia
Se-escapa
Coberta
De pedra,
Que medra
Na encosta,
Deserta
E exposta
Aos raios
Do sol:

Desmaios
Da planta,
Que a noute
Quebranta,
E o açoute
Do vento,
Que é rigido
E frígido.
E rubro
Descubro
Para o lado
Do poente
Dourado,
Fulgente,
Esplendente
Rebol.

Aponta
Na ponta
Do mastro
Distante
O astro
Brilhante,
Que ao poente
Se-inclina;
Que sôbre
A aguda
E muda
Collina
Se-encobre

Nos altos
Pinheiros
Além.
  Com saltos
Ligeiros
Fagueiros
Cordeiros
Recolhem-se,
Acolhem-se
Ao estreito
Cercado.
Refeito,
Mui lesto
O resto
Do gado
Se-afasta
Da vasta
Campina
Tambem.

E a tarde
Termina
Com tantos
Encantos,
Que a noute,
Que é escura,
Procura
Chegar;
  E o espaço
Se-embrusca

De fusca
Negrura,
E trevas
Vem densas,
Intensas
Lançar.

1860

IV

NEM UM BEIJO?

Que importa que da rocha o seio deixe
A aguia, que ao ceo vôa?
Que a voz quebrada, que nos ares sôa,
Pelas veigas se-queixe?

Que importa que ao desfeito e velho tronco
Venha avivar a brisa?
Que no espelho do mar, que o vento frisa,
Sôe do trovão o ronco?

Cubra a nuvem a lua, a lua a estrella,
O sol o espaço abraze?
Ou ás sombras da noite a luz se-caze?
Corra livre a gazella?

Que importa encha de balsamos os ares
Da tenra flôr o calix?
E diffunda harmonias pelos valles
A ave com seus cantares?

Que importa? se não deixas que eu te-estreite
Com abraço mais doce?
E te-roce c'um beijo ... um só que fosse!..
A face côr de leite?

1861

V

TREVAS

Víras, se á noite fôras
Ao monte, que além fica,
Quanto é d'encantos rica
A noite por deshoras.

Nem sol, nem lua passa!
Não vai no ceo estrella,
Que mostre a senda ao vêl-a
Involta em luz escassa!

A nuvem densa e negra
Pára por cima, e cobre
Azul, que não descobre
Sôpro, que o mundo alegra.

E não te-agrada a sombra?
Noite cerrada e opaca?
Tufão, que a selva ataca?
Trovão, que aos mais assombra?

Que importa a luz de cima
A quem tão pouco dura,
Se apoz a desventura
O astro o não anima?

Vida, que o verme traga!
Dia, que o sol não marca!
Em breve a noite o-abarca,
A terra o-sorve e apaga!

Mas víras serpe longa
Com roscas mal distinctas,
Coberta de mil cinctas
Da nuvem, que se-alonga;

Era a turva corrente!
Á roda negros vultos
De gigantes occultos
Nas sombras do occidente.

Caindo a flux estrugem
As aguas das cascatas.
Que vai nas crespas matas,
Que recurvadas mugem?

Genios do mal em bandos
Parece lá vagarem,
Irem, virem, passarem,
Rirem risos nefandos.

Já foste em noite escura
Orar ao cemiterio
Sob o cedro funereo
Ao pé da sepultura?

Se lá phantasmas viste
D'alvos mantos, e perto,
Dançando ao brilho incerto
Da luz funebre e triste;

E não tremeste, incauta!
Como em rijas procellas,
Não treme, affeito a ellas,
O atrevido nauta;

Em torno a ti não temas
Vêr horridas figuras!
Sabes se as sepulturas
Se-partem, como algemas?

Viste donzella morta,
Chupada a estreita face?
Quem manda que assim passe
Da vida a facil porta,

Não póde em meio da noite,
Na sombra pavorosa,
Trazer ao esposo a esposa,
Que a vêl-a assim se-afoite?

Unir amada e amante,
E os beijos, abafál-os,
Lançando em volta estalos
Do raio retumbante?

Mysterio! horror! Só trevas,
No monte em grupo eterno!
Noute! lá vejo o inferno!
Noute! e ao ceo me-elevas!

1861

VI

A UM LYRIO.

Triste, como tu, minha alma
Na viuvez tambem chora.
PINTO RIBEIRO.

Ao rijo sôpro, que por ti passou
Despindo a hastea da virente coma,
Não peças, lyrio, a folhinha, o aroma,
Que o vento ha pouco pelo ar levou.

Não peças, não! que n'esse espaço immenso
Perde-se e morre com o perfume a flor!
Tambem meu peito, que viveo d'amor,
Geme sosinho n'um martyrio intenso.

1861

VIII

AOS ANNOS DO MEU AMIGO S. M.

A flôr, que rebenta na espuma do valle,
Com a brisa da aurora surgio mais formosa,
Mas beije-a a bafagem da quadra mimosa,
Não ha quem na graça com ella se-eguale!

Amigo, se o berço tem sanctas delicias
N'aquelle embalar, em que a vida se-espalma,
Não é menos pura dos gozos a palma,
Que em dias futuros recorda as primicias.

Que ao doce balouço do berço succedem
Mais doces encantos, que dourão a vida;
E n'essas fragrancias da aurora florida
Por gôttas d'aljofar os annos se-medem.

Contente, portanto, teu dia festeja!
E se entre os prazeres não esqueces o amigo,
Consente que esta hora se-alegre comtigo
Quem sempre sincero mil bens te-deseja.

1861

VIII

A FONTE DO DESERTO

Que sussurro sentido
É esse, que soltando
Estás?
É triste esse gemido,
Que a agua nas pedras dando
Faz!

Saltão perolas claras
Dos fios, que cahindo
Vão...
Para quem as-preparas?
De quem, aljofar lindo,
São?

E a estrella, toda encanto,
Que em cada gôtta, incerta,
Luz,
Que faz ella, se em tanto
Nem tens aqui deserta
Cruz?

N'esta despida rócha,
Que teu agreste leito
É,
Da flor, que desabrocha,
Nem tu banhas o estreito
Pé.

Não é tapiz de relva,
Onde poisar na quéda
Vens;
Nem sôpro vem da selva,
Nem sombras de alameda
Tens.

Porque tanta belleza
Aqui tão só, perdida,
Está?
Porque ninguem te-présa,
Nem vem ver-te esquecida
Cá?

Mas se é a sina tua
Gemer no êrmo secreto
Só,
Só brilha á noute a lua,
E ao ouro involve o abjecto
Pó.

Do rochedo d'Horeb
Quando a agua pura em jorro
Sae,
O povo hebreo, que a-bebe,
Do ceo crê que soccorro
Cáe.

Fonte, que assim murmuras,
Da agua, que de continuo
Sôa,
Aqui n'estas agruras
Constante a Deos um hymno
Vôa!

1860

IX

D'um fortune fuit...

Outrora quando a lua alem brilhava
D'entre as virentes folhas da montanha,
Eras tu a meu lado, e se eu a-olhava,
Olhavas tambem tu a luz; que a banhá.

Outrora quando a agua fugitiva
Vinha esta alga beijár, este ar risonho,
Tambem tu vendo o arroio, pensativa,
Sonhavas junto a mim um doce sonho.

Mas hoje d'estas aguas os aromas,
A bafagem do vento, a lua, o prado,
As margens, e do bosque as altas comas;

Tudo vejo sombrio e mudo e triste!
Só me abraza este amor. que tu me-has dado,
Tudo o mais me-fugio, quando fugiste!

X

DESCRIPÇÃO

La mer, partout la mer, des flots, des flots encore!
V. HUGO

I

É noute:
O açoute
Do vento
Violento
Tremendo,
Batendo
Rebrame
No mar.
Velâme
Se-arreïa
D'esguio
Navio,
Que anceia
No porto

Confôrto
Ganhar.

Mas, pobre!
Já sôbre
O ovado
Costado
Gran' vaga,
Que o-esmaga,
Cahindo
Resôa.
Rugindo
No lento
Maçâme,
Rebrame
O vento
Tremente,
Estridente,
Que vôa.

Enlucta-se
O espaço
De baço
Nevoeiro;
Escuta-se
Irado,
Ligeiro
Trovão:
Que ruge,
Que estruge

De lado,
E em frente,
Por cima
Da gente,
E anima
O bulcão.

Rebomba
Na onda,
Que cresce,
Recresce;
E as aguas,
Quaes fraguas,
Se-elevão
No ar;
E levão
No dorso
Com esforço
Tammanho
O lenho,
Que os mastros
Aos astros
Vão dar.

II

Por Deos grita
A gente afflicta:
Noute maldicta,
Que á terra vem!

Mastros estalão,
Raios abalão
Ondas, que igualão
Montes a cem.

Ai! pobre d'ella!
Quem soccorrêl-a?
Nem uma estrella
No ceo reluz!
Ondas sómente,
Ondas em frente,
No mar fremente
Ondas a flux.

Todo quebrado
Fragil costado
Ao mar irado
Entrada dá;
A agua o-bate,
No duro embate
A náo se-abate
Ao fundo já.

1861

XI

RECORDAÇÃO

Do sol um raio, o ultimo,
Pela rocha se-encurta;
Prendem-n'o o lyrio, a murta,
Em vão ás tenras hasteas.

Julia lá parte!.. vejo-a...
Vem só; eu tremo! corre.
A luz esvae-se, e morre...
De longe incerta busca-me.

Mas viu-me: treme e assusta-se:
Anciosa em tôrno olha...
Aterra-a o vento, a folha...
Tenta fugir... mas chamo-a!

« — Aqui sômos nós unicos!
Julia, sou teu, sê minha! »
Cahindo o manto vinha
Da noute, e breve incóbre-nos.

A ella nos olhos humidos,
Qual raio em onda, um riso
Brilha, e ùm paraizo
De cada um desprende-se!

1861

XII

A DOR

Morre o dia nas sombras da noute,
Morre a noute na aurora, que vem;
Morre a solta tormenta, se açoute
Morre e acalma do vento tambem.

Morre o viço da languida flôr,
Morre o instante, e a hora, e o dia;
Morre e troca-se em risos a dor,
Morre e troca-se em dor a alegria.

Morre e despe-se o ramo da folha,
Morre á tarde, e cae murcha a cecem;
Morre a gotta, que as pétalas molha
Morre a petala, e a flôr que a-sustem.

Morre a nuvem, que o sol rarefaz;
Morre a onda, que á praia se-atira;
Morre o cháos, se Deus o-desfaz;
Morre tudo o que a vida sentira.

Morre a náo, que no mar se-equilibra,
Morre ao longe o clarão do pharol;
Morre o som, que das cordas se-vibra,
Morre a nuvem com o seu arrebol.

Morre a lava, que expelle o vulcão,
Morre o tronco, se o raio lhe-toca;
Morre a força do bravo leão,
Morre a lua, e com as trevas se-troca.

Morre tudo! mas dor, como a minha
Não a-sinto, morrer, nem passar!
Deo-me Deos esta sorte mesquinha,
Que eu não vejo um instante cessar.

1861

XIII

RESGATE

E subito uma aurora
Serena, refulgente,
Das trevas do Oriente
Desfez os negros veos.

S. DE PASSOS

Vòou minha alma á luz d'um astro ignoto
Da naturesa ao placido regaço:
Sonhava então; no ápice remoto
De montanha incoberta em manto escasso,
E solta, como a nuvem, pelo espaço,
Me-levava atravez do infinito,
Vago o olhar na amplidão, incerto o passo,
Trémulo, qual, se perde o norte e o fito,
Trême o nauta das ondas no conflicto.

Indecisa vagueia a sombra etherea
Correndo aos quatro ventos do horizonte,
E cinge da montanha a forma aérea,
Como a espuma da neve involve o monte:
Tento fender com a vista, alçando a fronte,
Essa nevoa subtil, que se-ergue a prumo,
E d'onde a luz serena esparze Orionte,
Vejo vagar em mal distincto rumo
Os muitos orbes entre sombra e fumo.

Rompe um raio de luz; rápido fende
A baça claridade, e passa breve;
Mas subito recresce e mais se-extende
A sombra, que corria branda e leve.
Assim ficar submerso em trevas deve
Quem vio em noute de bulcão sombrio
Atravessar o raio, alvo de neve,
A cerração medonha. Géla o frio,
Se tinha então valor, alli perdi-o.

Já se-me-sóme á vista o espaço, o lume,
Que vacillava entre a subtil neblina:
Perpasso n'um phantastico negrume;
A cúpula do ceu ao mar se-inclina.
O doce horror das trevas me-fascina,
Sinto-me balouçar n'um ar sem termo,
E com as mãos cubro a fronte... não atina
O espirito inquieto, ardente e infermo
Discorrendo no vasto e escuro ermo.

Mal já posso firmar os pés incertos,
Sinto, agitar-se a base, em que os-sustinha;
E pendente nos páramos desertos
Julgo se-vae romper do abysmo a linha.
Batia o ar a nuvem, e ia e vinha,
Gelida agora, agora ardente e em chamma.
Mas eis do ceo a cúpula vizinha
De subitânea luz o espaço inflamma,
E nas puras regiões a paz derrama.

Bem vinda luz dos ceus, d'almo deleite!
Rasgou-se o véu das trevas ao teu brilho!
Embala-me em tuas ondas d'ouro e leite,
Raio de luz eterna, eu sou teu filho!
Errei no extenso mar, perdido o trilho,
Sôbre o abysmo pendí, medí-lhe o fundo!
Mas hoje em plena luz comtigo brilho.
Aláste-me á puresa do teu mundo,
Salve, luz, que alentaste o moribundo!

1861

XIV

AMOR.

Á luz dos astros pállidos,
Que insombra a nuvem negra,
Se a brisa então se-alegra
Correndo aos montes áridos;

Se lá do ethereo mármore
A gotta se-desprende,
E folga, porque pende
D'um secco ramo d'arvore;

E em êrmo serro aéreo
Corre sósinha a corça,
E lá de cima a força
Tomba o pinheiro e fere-o;

Porque nos crepes frigidos
Da pavorosa noute
Não me hade a face o açoute
Bater dos sopros rigidos?

Porque não heide aos cumulos
Das condensadas trevas
Pedir para a dor treguas
Na doce paz dos tumulos?

E á fronte ardente allivios
Na agua buscar da nuvem?
Querer sobre ella acurvem
Ramos, seus mantos niveos?

Que importa que além pavida,
Quando o trovão rebomba,
Se-accolha ao tecto a pomba
Batendo as azas mádidas?

Não deo o Eterno o genio
Á flôr das obras suas?
D'uma alma não fez duas,
E um ser do outro gémeo?

Amor de Deos vem, lyrio!
Perfume d'essa trança
Mais me aviva a esperança!
Em mim cresce o delirio!

Nas sombras do crepusculo
Se a-vejo á luz, que morre,
Não sei porque me-corre
O frio em cada musculo.

E a face? e o riso tremulo,
Que os labios te-descerra?
Côr, que não ha na terra!
Labio, que não tem émulo!

A que vem na luz tibia
D'um raio, á noute, a lua
Mostrar-te a face nua,
Roçar-te a mão tão nivea?

Arfa-te o seio tumido!
Treme-te o labio, e coras!
Quem dos prantos, que choras,
Desata o aljôfar humido?

Julia! assim tão languida
No raio, que a lua extende,
Ao céo voêmos! prende
Á luz tua alma candida!

1861

XV

Triste minha alma te-envia
Um suspiro, um ai d'amor!
PINTO RIBEIRO

Vae, aguia, sobe, ao espaço o vôo extende;
Fita ousada o esplendor do sol radiante!
Ondas, o vento aos astros vos levante!
Nuvem, o rumo teu no ar suspende!

Perfume, que no espaço a flor desprende,
Sobe em tenue vapor e segue avante!
Quanto ao ceo póde erguer seu vôo errante,
Fite o lume, que ao mundo o ceo despende!

Ide-me ouvir o hymno, a voz celeste,
Que alma gemea da minha pelo espaço
Dispersa, como aos balsamos o éste!

Ah! porque não mandou do Eterno o braço
Que, quando á luz da vida amanheceste,
Voasse eu lá comtigo em doce abraço?

1861

XVII

O MAR

Roll on, thou deep and dark blue ocean, roll!
BYRON.

Não vi ainda do oceano as vagas
Levantarem seu collo em meio do abysmo;
Revoltos mundos de ondulante massa
Sem orbita, sem rumo, em curso vário
Rolar por sôbre as turgidas campinas,
E sobre ellas cahir após instantes
Atufados no pelago: enraivado
Troar alli o vento, e ao rijo açoute
Encurvarem-se as aguas, e correrem
Ao longe em fundas rugas açodadas;
Cahir sôbre ellas o pesado manto
Da escuridão horrivel da procella,
Prenhe de raios, de outras aguas prenhe,

Que as-abre, que as-opprime, e sob as trevas
As-revolve, ergue ao ar, e ao fundo as-lança.
Nem lucta desegual travar com as aguas
Vi quebrado navio, e ao dorso d'ellas
Remontar-se em furioso e activo gyro
Á vontade das ondas e dos ventos.

Não fui á praia por manhã serena,
Á tarde, á noute, em bonançosa quadra;
Não vi a lua namorar-se n'agua,
Tranquillo espelho do oceano immenso,
Que dorme o calmo somno aos beijos tepidos
Da maritima brisa: nem o murmurio
Das mansas vagas lhe senti na praia,
Que deve em gosos arroubar a alma.
Que mundo é esse? E qual a mão que o ha feito?
Em ti, profundo abismo, immensa mole
De atroadoras aguas, em ti penso!
Penso em ti, sem te-ver, sem ter-te visto,
Sem de perto sentir-te, ouvir-te o estrondo
Que do íntimo fundo ao céo levantas!
Mas quem de ti me-fala? e aos meus ouvidos
Quem me-aproxima o teu rugido insano?
Porque eu ouço-te, ó mar! Eu vejo as ondas
Crescer em serras movediças, negras
De turva espuma; como estranhas fórmas
De sanhudos gigantes uns aos outros
Na voragem sumindo em rija lucta;
Eu ouço lá do fundo de tuas aguas
Sahir medonho estrepito; eu te vejo,

E vendo-te eu te admiro, eu tremo e assusto-me.
Voz e braço do Eterno! Ao mundo extrema!
Um teu rugido espanta, uma onda absorve!...
Não mais a furia tua, ó forte oceano,
Quero que me-apavore a mente incauta!

1861

XVII

UMA LAGRIMA

And she was mine. And I was-was!.. most bless'd!
.....
Ye that e'er lost an angel, pity me!

YOUNG.

As vezes, quando a vaga
Do sol já perde o brilho,
E ao languido tomilho
Da folha a côr se-apaga,

Quando a luz, que fenece
Nos cumes das montanhas,
Produz fórmas extranhas
Na nuvem, que estremece;

N'essa hora triste e doce,
Hora para amor feita,
Da rocha erguida e estreita
Se eu só ao topo fosse,

Na flor, que desabrocha
Por entre mil abrolhos,
Via-lhe os negros olhos
Erguidos sempre á rocha.

Mas hoje á luz da tarde
Se lá me-vou a vêl-a,
Nem já a vejo a ella,
Nem flor, que lá m'a-guarde!

Botão de branca rosa,
Que outrora m'a-mostravas!
O aroma, que exhalavas?
A vida? a côr mimosa?

Flor, que levou o vento
Rasgada dos espinhos,
Oh! flor dos meus carinhos!
Se ella era o teu alento!..

Era! murchaste logo!
Não mais seus olhos viste!
Fui ver-te á rocha: triste
Pendias já sem fogo!

Olhos d'amor! de pranto!
Amor tão cedo extincto!
De roxo ao labio tincto
Quem fez murchar-lhe o encanto?

Quem disse á flor: « Perece!
Roube-te o vento á escarpa! »
E a ella que impia farpa
Cortou no labio a prece?

A prece? oh sim! que vezes
Olhando o mar de prata,
Onde a nuvem desata
Mil gottas a revezes;

Ou vendo a orla d'oiro
Da nuvem, que se-aparta,
No seio colhendo á farta
De raios um thesoiro;

Ou pelas brancas vagas
Branca vela, que as-fende;
Ou onda, que se-extende
E vem roçar as fragas;

Que vezes, solta a trança
Sôbre os hombros de neve,
Cor, que ninguem descreve
Na face... amor! esperança!

Á-vi com o seio arfado,
Olhos ao céu erguidos,
Os labios quasi unidos
Por voto a Deos alado!

Então, se aos sopros frios
Do vento, que a-beijava,
A negra trança ondeava
Partida em longos fios;

Eu via em volta d'ella
Dos anjos, que a-sustinham,
Azas subtís, que tinham
A cor d'uma alta estrella!

Dir-se-ia que tentavam
Levar-m'a já da terra!
E foi! viu esta serra
Os anjos que a-levavam!

Viu-os a serra, e o vento
Gemeo por esta encosta;
E veio a onda á costa
Soltar triste lamento!

E desde então inquieta
Por vêl-a desce á rocha
A orla azul e roxa
Da nuvem indiscreta:

E vem de noite a onda
Falar-lhe aos sons da harpa;
Mas, quando galga á escarpa,
Não vê quem lhe-responda...

E a nuvem na aza corre
Do vento, que alli passa!
E a onda se-espedaça,
Cae no pelago, e morre!..

—

Lyrio! quando eu no abysmo
Á noite os olhos cravo,
E mais a dor aggravo
Se em ti nas trevas scismo;

Se a queixa ás ondas juncto,
E como ellas suspiro,
E ao ar deste retiro
Por ti (louco!) pergunto;

Sentes acaso o pranto,
Que corre, e não acalma?
A dor, que só nesta alma
Restou, desfeito o encanto?

Ah! na mansão celeste,
Aonde sem mim subiste,
Se lá os ais do triste
Ouvir em fim pudeste,

O calix não engeites
Das lagrimas, que choro!
Oh! pede ao Deos, que adoro,
Que cedo lá me-estreites!

Hemos d'ambos ser junctos!
E na eterna aurora
A amor, que nos-devora,
Achar novos assumptos!

Em torno a nós os anjos
Com azas d'oiro arqueado
Voarão, e um côro alado
De cherubins e archanjos!

—

Foi ella?.. A sós com ella?..
Falei comtigo?.. Oh magua!
Algum gemido da agua,
Que foge á branca vela!

Mas esse céo radiante?
O côro d'anjos leves?..
Se é sonho, oh! não m'o-leves!
Só mais um breve instante!

Morrer? Que val sem ver-te
A vida, que é só tua?
Meu branco raio de lua!
Que fiz para perder-te?

Luz, que na luz te-somes,
Na luz, que os astros vence!
Se esta alma te-pertence,
Quem veda que a-retomes?

1861

XVIII

A RAJADA

ἀνέμοιο θύελλα
HOMERO

Oh! não vejaes rolando as negras nuvens
Pelo ambito do céo involto em sombras
Aos úivos da tormenta!
Erguidos torreões, põe medo vêl-as
Crescer ou baquear na treva esparsas,
Que mais se-incobre e augmenta!

Oh! fugi! Sôlto o vento o ar percorre,
E da curva floresta açoita os cimos!
É triste a sua voz... varrendo a areia,
Rapido vôa na aza da procella
De pólo a pólo sacudindo a nuvem.
Como a onda, que o mar á praia atira,
Bate elle o muro, que estremece e geme
Aos troncos d'ao redor pedindo apoio.

Sombrio, como o inverno, aponta ao longe;
Vem carregado, lento, o vulto informe
Cheio d'estrondos, d'aguas, de lampejos;
Mas vem sereno agora!... apenas brame!...
É um sussurro grave e cavernoso,
Como o rugir da terra incendiada
Pouco antes d'o vulcão se-abrir em chammas.
Mas temei-o a tempo! o ar convulso
Treme em volta e recua... muge a terra...
A aza da ave nocturna corta o espaço,
E sóme-se nas sombras... De repente
Desata o furacão o voz medonha,
Abala, açoita, alue, desfaz, derruba,
E no seio das trevas passa horrisono
Com a força do infinito, e o espaço abrange!

Oh! não vejaes as sombras da floresta,
Quando o trovão rebomba na montanha
Com as mil côres ardentes!
Pára confuso o palpitar da veia,
Põe medo o céo, a voz do sul é triste,
Como o ranger de dentes!

Tambem minha alma aos sopros arquejantes
Do vento, que nas trevas se-espaneja
As nuvens arrastando,
Estremece com as scenas do passado,
Que a pungente saudade lhe-recorda,
As lagrimas contando.

Porque vem o infortunio d'outras eras
Juntar sua dor aos sustos do presente,
Gemer com a tempestade?
Deixae rugir o espaço! as nuvens negras
Rólem sósinhas no ambito horroroso
Com tôrva majestade!

1861

XIX

AD AMICOS

.....vos
Et decor et cantus et amor sociavit et aetas.
CALPURNIUS SICULUS. *Eclogas*

Raiou novo esplendor em nova esphera!
Agora é outro o mar!
Auréola de luz vos-cinge a fronte
Correi no nobre empenho! amor ardente
Vos-una em tal ancear!

É nova a luz, o céo é outro, e a gloria
De mais vivo fulgor!
Mas é a dor a mesma, as mesmas trevas,
Com os lavores da vida arcando ainda,
A vida lhe-heis de expor!

Mas eia! á lucta, á vida d'annos breves,
Que a lucta sóme e apaga,
Abre-se um mundo de perenne gloria,
Em que a vida das ancias libertada
Por céos ignotos vaga!

Que importa inda um momento de tortura
Á doce eternidade?
Curvae agora a fronte á cruz do martyr,
Mas tomae uma idéa por divisa,
Por patria a humanidade!

1861

POESIA DE VICTOR-HUGO. (1)

Dieu qui sourit et qui donne,
Et qui vient vers qui l'attend,
Pourvu que vous soyez bonne,
Sera content.

Le monde où tout etincelle,
Mais où rien n'est enflammé,
Pourvu que vous soyez belle,
Será charmé.

Mon coeur dans l'ombre amoureuse,
Où l'enivrent deux beaux yeux,
Pourvu que tu sois heureuse,
Sera joyeux.

(1) É a XLI do livro « Les Rayons et les Ombres ».

XX

TRADUCÇÃO

Deos, que sorri e perdôa,
E ao que o-ama, auxilio dá,
Uma vez que sejas bôa,
Folgará.

O mundo, que em varia téla
Mostra apparente esplendor,
Uma vez que sejas bella,
Dá-te amor.

Minha alma, que obscura gosa
Quanto essa vista lhe-dá,
Se fores sempre ditosa,
Viverá.

POESIA DE VICTOR-HUGO. (1)

La tombe dit à la rose;
— Des pleurs dont l'aube t'arrose
Que fais-tu, fleur des amours?
La rose dit à la tombe:
— Que fais-tu de ce qui tombe
Dans ton guoffre ouvert toujours?

La rose dit; — Tombeau sombre,
De ces pleurs je fais dans l'ombre
Un parfum d'ambre et de miel.
La tombe dit; — Fleur plaintive,
De chaque âme qui m'arrive
Je fais un ange du ciel!

(1) É a XXXI do livro « Les Voix Intérieures. »

XXI

TRADUCÇÃO.

Disse a sepultura á rosa:
— Que fazes, flor amorosa,
Do orvalho, de que és coberta?
Disse a rosa á sepultura:
— Que fazes do que segura
Tua fauce sempre aberta?

Disse a rosa: — Campa escura,
Aromas do orvalho, obscura,
D'ambar e mel faço eu.
Disse a campa: — Flor, socéga!
De cada alma, que a mim chega,
Faço eu um anjo do ceo!

ALBUM

ALBUM

AO AMIGO SANCTOS VALENTE.

ENVIANDO-LHE A POESIA = AS ESTRELLAS =

Que heide dar de melhor? Ai! n'estes tempos
De pobres affeições, de tibias crenças
— Fonte que os sóes do estio tem seccado —
Aonde ha fé tam viva, que transborde,
Enchendo um peito, n'outro peito amigo?
Que esperanças cá da terra ha hi tão firmes,
Tam ricas de futuro, que dous sêres
Possam firmar-se n'ellas sem receio,
E abandonar-se em tudo ao seu arrimo,
Qual braço de mulher em braço d'homem?
E quem póde encontrar-se em igual via,
E ir, com norte igual, seguir seu rumo,
Quando tantos caminhos vão cruzando
N'estes tempos o mundo do espirito?

Ah, n'este seculo, amigo, solitario
Cada qual segue triste a sua estrada,
Caminheiro de um dia: silencioso,
Contando, como o avaro, os tristes restos
Das suas illusões, das suas crenças,
A si pergunta « o que ficou de tudo? »
Olha as bandas longinquas do horizonte
E de novo interroga em desalento
Se o futuro lhe guarda alguma crença,
Ou se o abysmo é o termo da jornada!

———

Se lá de longe em longe alguma tenda,
Se uma fonte, que ensombra alta palmeira,
Se alveja no deserto; se inda um pouco
Lhe repousa a cabeça affadigada,
Não faz, crente no Deos que o tem guiado,
A oração da noute, a acção de graças,
E, antes que cerre as palpebras, medita...

———

No repouso só busca o esquecimento:
Dorme o somno agitado d'uma noute
Sob a tenda que o acaso lhe depara:
De manhã, sem levar uma saudade,
Sem a deixar tambem, eil-o seguindo
Do fatal pregrinar a longa via.

———

Que lhe importa o passado ou o futuro?
Pr'a dor que soffre em si tudo é presente!
Aqui, alli, em toda a parte o punge...
Quem lhe dera esquecer, não recordar-se!

Orações! São incenso cujo aroma
É de lagrimas... e as d'elle se hão secado!
— Orgulhoso na dor — da dor o orgulho
Fal-o erguer solitario, silencioso,
Como se ergue o granito no deserto,
Ermo! nu! Se medita ... é so comsigo.

——

Assim vai cada qual seguindo o rumo,
Que o acaso ou o fado lhe depara.
Quem se póde encontrar? que laço estreito
Ha, que os aperte? idêa ou sentimento
Aonde, em crença igual, juntos communguem?
. . . . . .
Comtudo, Deos existe! e nós, seus filhos,
— Ingratos — se n'uma hora o esquecemos,
Dentro temos a *voz d'eterno brado!*
Quem póde renegar seu Pae? Nós somos
Como esse Adão, occulto no arvoredo,
Que não quer responder a quem o chama:
Porém se a voz do *Pae* clamou tres vezes
Não pôde resistir... — « eis-me presente — »

——

Dissidentes no mais, Deos nos reune:
No impio, no crente, em todos Deos existe,
E todos chama a si, e a todos ama.
Nós somos como rios que descendem
De varia serra, e em leito vario correm...
Mas, que importa? essas serpes tortuosas
Apóz rodeios mil, apóz mil voltas,
Vão todas dar no mar; some-as o Oceano:

Que importa a crença varia, e vario affecto?
Este laço d'Amor a todos une
—Existe um Deos, que é Pae: somos seus filhos!

ANTERO DO QUENTAL

AS ESTRELLAS

Gloria in excelsis Deo...

Como trementes
Vogam no azul do ceo, quaes barcas lúcidas,
Nas ondas indolentes,
Milhões apóz milhões d'estrellas fulgidas!
São barcas radiantes,
Que conduzem talvez d'esphera em esphera,
Atravez d'essas ondas fluctuantes
De luz, que Deos lhes dera,
Os immortáes espiritos, as almas,
Que vão nos ceus em fim colher as palmas,
As palmas triumphantes!

E deslisam serenas, emballadas,
Nas vagas transparentes,
Como voga nas aguas socegadas
D'um lago d'ondas puras e indolentes,
Um bando d'alvos cysnes magestosos,

Chegada a primavera,
Em busca de seus ninhos deleitosos.
Oh, quem podéra
Voar tambem com ellas nas alturas!
Oh, quem livre d'um mundo de amarguras,
De longas agonias,
Se fôra 'nesse ethereo mar profundo
Banhar-se em harmonias;
E passando d'um mundo a outro mundo,
Como em fulgida ponte,
Buscar lá nos confins da soledade,
Na mansão resplendente
Onde a vida se liga á eternidade,
Aquella perennal, eterna fonte
De amor, summa bondade,
Aquelle inextinguivel foco ardente
De luz e de verdade!

Alli fartára em fim a sêde ardente
Que a vida me devora;
Desejo d'outra patria mais ridente,
Que n'este peito mora:
E bebendo na taça consagrada
Na taça da verdade eterna e santa,
Refrescára minha alma abraseada
Como o orvalho refresca a murcha planta!

Alli se abrira em fim ante meus olhos
O livro dos mysterios;
O livro que da terra entre os abrolhos

Encobrem veos funereos!
Alli, nas letras d'ouro soletrando,
O universal enigma decifrára
E, na mente, dos mundos vendo o mando,
Rei pela mente, os mundos dominára!

Mas quem póde sem susto
Elevar até lá vista minguada?..
Quem póde o livro augusto
Tocar, sem que lhe queime a mão ousada?
As espheras sem conto, o sol grandioso,
No templo do Senhor são tenue incenso,
Notas perdidas d'um concerto immenso,
Letras truncadas de palavra infinda,
Que o homem orgulhoso
Nem reconstrue na mente, por que finda!

E esses soes, são quaes fachos accendidos
Á vóz Omnipotente,
Que os revocou, no cahos diffundidos!
Mas, ai d'elles! se um dia a vóz ingente,
Ao troar nos espaços,
Irada lhes disser, disser «*sumi-vos!*»
Ao seu mando superno,
Com fragor rolarão dos eixos lassos,
E extinctos n'um momento os fogos vivos
Do firmamento eterno,
Bastarão para encher a immensidade
A gloria do Senhor e a Eternidade.

Oh, Deos! Senhor! Jehovah! Grande é teu nome,
E forte, ó rei do ceu, forte é teu braço:
Nome, que o labio humano assim consome,
Braço, que os mundos rola pelo espaço!

. . . . . .

. . . . . .

E eu que sou, no meu nada,
Ante a face do Deus que me ha creado?
Como a planta mirrada,
Morrer ao ver a luz, tal é meu fado!
E, florinha d'um dia,
Entre as irmans humilde e confundida,
Uma nota de mais despercebida
Dos sêres na harmonia!

ANTERO DO QUENTAL

ELISA!

Elle etait bien jolie; et de pensées touchants
D'un espoir vague et doux chaque jour embellie;
L'amour lui manquait seul pour être plus jolie
— « Paix! voilà son convoi qui passe dans les champs!

CHARLES NODIER

I

Meu querido,

Pedes-me duas linhas para o teu album?

Ahi tens uma historia singella.

Já que não ha alli um enredo espirituosamente armado á tua attenção, depararás ao menos com alguma verdade!

Ha pequenos quadros que parecem á primeira vista mostrar um estreito horisonte.

Olhando mais de perto quebra-se a illusão, alarga-se a fórma, para nos descubrir um novo mundo.

Será assim este esboço da ultima quadra da vida intima de Elisa?

II

Em 1860 já martyr, estrella cadente, desprehendia ainda uma nota d'amor, como a significação mysteriosa da proximidade da agonia.

Era bella assim na vasante da vida!

Sustentada por nem sei que força occulta ia resvalando pouco a pouco pela distancia que a separava do abysmo.

Se a-conhecesses n'esta epocha, vê-la-hias muitas vezes, a face encostada á umbreira da janella, correr-lhe a vista pelo firmamento a vêr, se por ventura lá encontraria alguma bôa alma, que a-viesse com solar na mais amargosa soledade do coração.

Elisa costumava ter a soleira do peitoril cubérta de vasinhos azues e brancos, onde na primavera floriam violetas e margaridas: amava as flores, como se fossem filhas d'aquelle seio, que arfava todo em estrophes pullulantes de poesia.

Transudando-lhe na vida a tristurada campa, desbotando-lhe as colores da juventude diante d'um fantasma desconhecido, de continuo conchegava a si a idêa da morte, que parecia somir-lhe alastrada de flores.

A doença mysteriosa dos desoito annos começava já a comprimir-lhe o peito; a cabeça cahia-lhe em cima dos hombros; as longas tranças de cabello vinham desenrolar-se, como ondas do mar de leite, ao longo do corpo, até lhe beijarem a fimbria do ves-

tido ; as feições iam decompondo-se e tomando esta cor lívida do cadaver. Dir-se-hia a assucena amarellecida pelos calores pressentidos do estio.

III

O verão estava perto de se involver-no sudario do outomno.

As folhas amarelladas tremiam nos ramos, como se não podessem sobreviver á dor de desamparar a arvore onde tinham amado tanto.

As flores emmurchecidas jaziam varridas pela terra, como tropheo do inimigo invisivel, que as combatia,

A seiva circulava frouxa, e as arterias apenas davam um escasso signal de vida.

Era a transição entre o estio e o outomno.

Ha alli um padecimento, cheio de espinhos suavissimos, que terminam por arvoar o espirito e internal-o n'aquelle abysmo de dores que se repercutem no cerebro, como o reflexo da espuma esbranquiçada, que se espadana á superficie do golfo.

Enlutava-se a natureza agonizante!

As rugas da velhice vinham já perto, e cabellos brancos alvejavam aqui e alli, como flocos de neve suspensos dos raminhos tremulos

Uma immensa paralyzia cortava todo o movimento a estes bellos sêres, tam amantes em outro tempo, e que começavam agora a chorar as primeiras lagrimas dos amores mal succedidos.

Calaram-se as aves; deixára o bosque de rumorejar aquelles segredos amorosos, para carpir o infortunio, que lhe vinha imminente.

E a alma do homem voejava d'um lado ao outro a interrogar este silencio, que engendra a aproximação da desgraça.

A natureza estava emudecida...

Só de vez em quando o vento, que passava por entre os troncos exanimes, apenas lhe respondia um som cavo e amortecido, que significava «outomno»!

IV

— Minha Mãe — disse um dia Elisa — sinto-me morrer pouco a pouco; se me não acodir, aquella rajada levar-me-ha o ultimo sopro da vida!

—Estás peor, filha?—e abraçou-a contra o peito, assomando-lhe ás palpebras uma lagrima, que depois de lhe ter descido pelas faces se foi perder nas bellas madeixas de Elisa.—Que queres que te faça? o tempo tambem está tam triste!

— Está!? é o reflexo da minha alma!

— Valha-me Deus! porque não procurarás a alegria e as distracções como a outra gente da tua idade?

— Por que vejo diante de mim agitar-se o lençol, que me ha-de amortalhar!

— Por quem és, não falles assim! olha, tu matas-me com esses teus loucos pressentimentos.

— Se são verdadeiros! os medicos enganam-se com a minha doença; no padecer, que me-trascála o peito, ha uma cousa tam suave e dolorosa! parecem saudades! serão do ceu?

— És um anjo!

— Um anjo! se morrer vou para o ceu, não é assim?

—Pois, quando Deos te não quizer na terra, para onde te ha-de levar, senão para junto de si?

— Lá deve ser tam lindo!

— Ha muitos anjos... e tu es um d'elles!

— E hei-de ir só?

— Iremos juntas, filha!

— Não, não, minha Mãe; diga-me, que não vae, sim?—disse Elisa deitando no regaço da mãe a cabeça esvaecida pela febre.

V

A crise aproximava-se de dia em dia.

A febre, que a consumia, fôra o resultado d'uma idéa.

A tua experiencia da vida humana, mais d'uma vez te tem feito conhecer um d'estes factos mysteriosos, que se elaboram no intimo da alma, para se apresentarem exteriormente com todos os symptômas d'uma tysica.

A sciencia engana-se então, porque não quer comprehender a influencia fatal, que um sentimento

póde exercer na natureza physica. Se fosse necessario outro exemplo, Alvares d'Azevedo, o poeta que tombára na valla, quando a vida se lhe expandia em estrophes, ahi está bem perto para lhe desvendar os olhos.

Elisa era uma destas naturezas.

Cercada de todos os bens da fortuna estillava-se lentamente, sem que a medecina lograsse romper o mote fatal, que a arrastava para o tumulo.

A mulher morre assim aos desoito annos, quando não encontra uma ambula, onde encelle o perfume dos seus anhelos, um ouvido a quem segrede as revellações das suas noites mal dormidas!

Sente então o vazio da soledade, que lhe acerca o espirito, orvalhando-o de dores pungentissimas, para se transformar em espinhos acerados, que lhe ensanguentam o ceu da vida.

Morre lentamente e com o mesmas dores, que soffre o dia, quando expira nos braços da noite, que o cinge de todos os lados.

VI

« E assim me vou amortecendo!—pensava Elisa encostada á sua janella defronte d'um bello pôr do sol. — A maman diz que não, mas engana-se!

Como aquellas nuvens, que se vão ajuntando acolá no occidente, para logo se dissiparem á mais leve arágem, é assim a minha vida

Estrella d'alva, que me vinhas sorrir nos meus dias de infancia, fugiste, para me deixares só, sem ter com quem conversar durante estas longas noites d'inverno!

Empanaram-te o brilho com o crepe da mortalha, roubaram-te á tua amiga, que pelas lagrimas vae contando as horas, que lhe restam!

Tambem não está longe o fim das minhas dores! — ahi terei aos menos a quietação...

Para onde irá ao depois esta alma tam estuosa em outro tempo, tam cheia de esperanças no futuro que se lhe parecia abrir para lhe mostrar o paraizo das felicidades, o eden das mil delicias? — hoje, anjo cahido, lá se vae languida deslisando os degraus do tumulo!

Hontem quando me vi no espelho estava completamente mudada! e quem me diz, que não sou já um cadaver?

Esta idéa da morte é tam triste e tam consoladôra! No outro mundo talvez se comprehenda esta alma que se perde cá pelos desvios d'este...

Talvez aquella bôa estrella, a quem amava tanto, me venha guiar á nova morada!

Que venha breve a morte!

Se ao despontar do dia cahisse sobre mim a gleba da campa!»

VII

Expirára-se do arbusto em flor o perfume da vida, e lá fôra ao longe, ao recesso da montanha, em busca da harpa santa, onde dedilhasse um canto de amor!

Da alma de Elisa assim de continuo se elevava o respirar immenso d'um amigo, a quem podesse communicar os seus anhelos de virgem!

Ia muito ao largo, de estrella em estrella por todo o ceu, a ver se por lá conseguiria roubar um rayo de luz, que a illuminasse por entre as trevas, que a insombravam.

Foi-se!

Mas não que désse com o amante desconhecido!

Luctou por largo tempo! sempre o mesmo raio... sempre o anciar doloroso sem topar com uma gota d'orvalho... Resignar-se á sorte, cingir a aureola do martyr, e aguardar a hora, em que o tufão a arroje a outro mundo, eis o que lhe resta das suas esperanças decahidas!

VIII

O incremento da molestia atirára-a em breve para sobre o leito da morte.

Sofredora d'uma dor suavissima deixava-se estiolar, como se não houvesse um bastantemente ne-

cessario, para lhe inocular a vida, que se lhe evolava em jorros de sangue.

O corpo languecido pelas ancias da noute, que vinha chegando, desembaraçava já das pequenas aprehensões o espirito, que esvoaçava ensaiando a fugida da terra!

Os signaes, precursores da morte, estrellejavam na fronte de Elisa como a flamula do infinito, a brilhar por entre o seu doce extrebuxar d'agonias.

— Filha! queres deixar assim tam cedo tua mãe que fica a chorar na terra a tua partida! por quem és não queiras chover-me no seio todas as dores do mundo!

— Encontrar-nos-hemos lá, minha Mãe, no ceu!

— Pois vae... breve te seguirei ao logar, que Deus nos tiver reservado!

Depois Elisa deixou pender a cabeça sobre o peito; as fontes humedeceram-se levemente; dos olhos desprenderam-se duas lagrimas, e a boca confrangindo-se no exforço d'um sorriso, soltou um suspiro, que se foi abrigar nos labios da mãe, que forcejava ainda por lhe conservar a vida.

Avisinhava-se a noite, e a ave dos mortos passou tres vezes á roda da caza, e bateu com as azas negras d'encontro á vidraça do quarto de Elisa!..

IX

. . . . . .

« Paix ! voila son convoi qui passe dans les champs !
E passára como o meteoro !
Sumira-se em breve aos olhos do mundo !
Desapparecera deixando traz si o rasto luminoso d'uma vida toda palpitante d'amor !

ALBERTO SAMPAIO

SAUDADE

Ia o sol declinando; a tarde finda
De rôxo coloria essas montanhas
Que te ouviam nos valles ensinando
Ás aves seu cantar saudoso e brando.

Andavas de mansinho entre as espigas
Da messe loura e bella; e descuidada
Deixavas ver a furto o seio arfando
Do calôr d'esse dia fatigada!
Tinhas a face pura mais córáda,
Tinhas mais languidez no passo breve,
E tinhas graça extranha assim cançada
No corpo teu gentil de rosa e neve!

Tudo alli te queria e te adorava
De teus sanctos cuidados esquecida!
A fresca rosa alli te perfumava,
Mimoso dom de pransenteira amiga!
Alli uma avesinha te cantava,
Deosa do olival em que se abriga!
E a nuvem, que ciosa te velava
O rosto, que ama o sol, e quer beijar...

Altaneira senhora e pobre escrava
Do que a terra illumina e doira o mar!

Que bemdicta innocencia respirando
Estava aquelle campo perfumado!
Que puro e sancto affecto ia ensinando
Quanto não sabe e quer um peito arfando!
Que delicias sem conto n'esse prado
Te segredava essa hora bem fadada!
Que maviosa ternura não sabida
Vertia na tua alma apaixonada
Aquella soledade... em fim perdida!

Quem um dia volvesse inda a essa estancia
Em que tudo é feliz!.. e mais parece
Sonhar enganador da morta infancia
Deleitosa visão que me enlouquece!

Se podessem volver aquelles dias,
Se de novo tornassem taes enganos,
Quem sabe se perdida essa innocencia,
Que eu tinha, como tu, n'aquelles annos,
Acabaram talvez taes alegrias?..

Oh! não! não acabaram! a saudade
Que sempre desde então meu peito mina
Me diz que inda floresce esta metade
D'uma alma, que de longe me illumina!

ALBERTO TELLES

O CASSIDEH (1)

COMO UM PROTESTO D'AMIZADE

AO MEU AMIGO A. L. DOS SANCTOS VALENTE

Ha logar sobre a terra, onde não ha mêdos d'odio, verdadeiro abrigo de desgraças.

SCHANFARI

A gloria, a gloria!

SOARES DE PASSOS

No deserto de Thamed vae um Arabe. Leva a luz jubilosa do sol 'no crescente, transluz-lhe 'nos olhos, adivinha-se-lhe 'no coração, que marca extasis a pulsações redobres. É elle, é o arabe, o filho

(1) De 7 em 7 annos antes do Islamismo, concorriam todos os poetas Arabes á feira d'Occadh com seus cassidehs, ou cantos ou poemas, que é a traducção da tal palavra, que serve d'epigraphe. Mas não julguem, que os levavam á feira para os vender como uma manta d'unto. Apresentavam-os a uma meza, provavelmente, que decidia do merito da obra. Os melhores eram dependurados dos muros do templo do propheta, e esse poema assim premiado recebia o nome de Moallakat (suspenso).

É a isso, que se allude.

da tribu d'Azed, que tem nas noites do seu coração os olhos de Leila, que amaciam, como o orvalho, que doiram, como as estrellas, que varrem, como a nortada, negrumes d'alma; é elle, o inspirado, lá vae 'nas solidões de Thamed.

Como a alma se lhe libra em alegrias, como o Katha (2) tem hoje cantos tam alteados, que dar-lhe, como o deserto tem sussurros tam vagos, como as areias tem encantos n'os brilhos!

Já viste, filho de Modrek, o lilaz baloiçar-se ao desdoirar da tarde, pender morbido, reerguer-se nutando de jubilo ao rumorejo do vento dos palmares?

Quem assim o vir não dirá que, se a tempestade cerrar com elle, é destroços?

Quem assim o vir... O deserto rugiu, a solidão tem vozes! Vozes?.. sim! quando estoira a tormenta.

Quem quer vêr o que vale a doçura do seu paiz, olhe os infernos do deserto.

O sol era d'oiro, o vento de sêda, o deserto era de leite. Não agora.

O calor começou de ganhar alentos horriveis, penetrava nas carnes como se de fios de metal aquecido 'no inferno, torrava e deixava o pulmão soffrego de ar e sem ar, que lhe acalmasse os éstos.

O sol, grumo immenso de sangue na face dos ceus, parecia, uma promessa d'iras, um juramento

(2) Ave do deserto.

d'horrores, que Deus escrevesse mysterioso, como o Pharos de Balthasar, 'na folha immensa do firmamento, em que depois do nada escreveu o tudo.

Queimava, queimava aquelle sol maldicto, que além pendia sobre incendios! Queimava, queimava aquelle sol, dava 'nas carnes — dôres e que dôres! — reflectia sobre a alma — transes e que transes! — o coração torrava-se, espavoria-se o espirito! Ar, ar, frescuras!.. Desgraça! nem ar, que dessedente o peito, nem frescuras, que calem 'nas carnes!

O ar é fogo, é um pêso immenso, é um queimôr desesperado, que cresta, por onde passa, como as linguas de fôgo, que saraivou o ceu sobre as cidades, que fazem o seio do Asphaltite.

E o deserto recostado em milhares d'espadanas estuava, e cortava, como a espada do Hind, que só bebe mortes d'inimigos. Baloiçava, fervia, como que se equilibrava a levantar vôo sinistro... dirieis horror, que attrae horror, o sol, que attraia o deserto, o deserto, que attrahia o inferno!

A espadana crescia, crescia, curvava-se, ondulava fogo, toda fogo, e além... olhae além. Mole immensa ergue-se a pouco, desdobra-se, augmenta de vigor e cabedaes, e atira-se de prumo aos ceus. Depois, quem imaginou pyramide arrancada ao sôpro de Deus, e ao sôpro de Deus voada pela amplidão vê aquella muralha sem largar pé dos areaes disparar-se em desatada corrida, alentar-se mais, achegar-se mais montões e vôar, como se tivera o infinito a discorrer.

O arabe enleado, como ia, nem sentira os avisos, que o Senhor põe sempre na amplidão arenosa a fallar ao (3) Kiarvan, que passa. Tinha 'no espirito Leila a sorrir-lhe, tinha Pae e Mãe a abraçal-o á volta, tinha a gloria, que o cassideh, os seus cantos, o poema da sua vida lá ficára pendido em premio dos muros do propheta.

Enleado em amores ia elle, enredou-se-lhe aos pés a morte.

Barik olhara, quando pedia calmas ao peito, que arquejava, e o peito lhe respondia — dá-me ar —

Quedou, enfiou ao ceu os olhos... O ceu é labareda informe, é braza viva, é um painel d'inferno, e abre-se n'esse boqueirão horrivel, o luminar do dia, que despeja todo o ardor, que parece pejar todo esse ceu.

Volveu-os ao deserto... O deserto desentranha-se em rugidos de leões, que o simoun espicaça e faz esbravejar doidos e erguer-se a procurar vida e tombar arquejantes no páramo.

O deserto toma mil vozes desconformes, mil trovões, mil ruidos, o deserto brinca um brinquedo do inferno, folga, estontêa 'numa orgia de fogo.

Que sentimentos se lhe crusaram 'no peito, que horrores lhe esvoaçaram pelo espirito, que era aquelle homem, aquelle Arabe, aquella alma, morada do infinito, da poesia, alli fitando os pavores do camsin, diga-o quem já sentiu o coração dispar-

(3) Menos correcto dizem, mas mais vulgar — caravana —.

tido d'angustias e que póde comprehender ao justo o seu grito anciado—Leila, minha Mãe, o Simoun!!!

Negou-se-lhe o peito a mais vozes, e elle ficou alli erguido sobre as areias, vida entre tumulos, como homem, que aponta a vida ás desfortunas, que se lhe atiram. E além lá vinha o areal em pêzo a engolir o espaço. Embatia 'na donairoza palmeira, estalava-a, passava além; acercava-se do leão, que cozido com a terra procurava respiros na sua profundeza, lançava-lhe sôbre vasta lousa d'areias, passava além. Soltava-se 'nos ventos, como o verbo da ira do Senhor corre na aza do trovão, do raio, ou da lufada.

« Por terra Arabe, deixa passar o areal, que vôa, salva-te » Não; quêdo sempre, vê vir aquella duna immensuravel, vê quasi sobrestar-lhe e arrancando voz ultima: «o Cassideh lá pende em Mekka, a minha vida lá esta toda, muitos viverão d'ella, e scismarão 'na sorte de Barik, que o deserto engole. Vinde tufões, areias, fogo, horrores, vinde, que se me tiraes a vida de dias não me apagaes a de seculos!» A vida do mundo sorvêra-lh'a o Simoun, que o derrubou, esmagou e escondeu para sempre, mas a vida do genio essa dura 'no seu livro, dura 'na tradição do deserto.

Quem não desafiará a ira dos tufões dos páramos quando a vida está escripta em paginas, que elles não tragam?

CAETANO TEIXEIRA COELHO

MEDITAÇÃO

És bella natureza!.. Deleita-me o deixar-me voar impellido agora pelo brando respiro da primavera, logo pela intemperie exaggerada, a percorrer teus vastos imperios, e admirar-te!.. És bella no Atlas que se alevanta soberbo roçando a fronte nas nuvens, a refrigerar-se do requeimado estio, ou penetrando-as como a espreitar o Empyreo! És bella no valle que de quebrada em quebrada faz ecoar o grito de pasmo que parece querer prolongar-se ao infinito! Admiro-te na gasella que ao longe e mal sciente conhece o filho que ama! no lyrio que abriu viçoso e emurcheceu pendendo a fronte como a lamentar a curteza do finito! admiro-te mais e pasmo das forças com que dotaste a intelligencia que tudo tenta avassalar: avassalará?!..

———

Quando refletindo-se em si mesma, ou martyrisando-se pelos escalvados do quasi impossivel o espirito conquista mais uma idêa; quando olhando apos de si vê seminados aqui e ali os fructos talvez não esperados d'afanosa luta vencida; quando se

contempla e se admira nas escoras que suspendem e fortalecem a humanidade, ainda quando voa d'esteio em esteio e depara em tudo a ordem e a unidade, nuncias esperançosas do fim sonhado da Philosophia, o espirito ensufla-se d'um orgulho firme, julga-se forte, julga-se omnipotente e promette-se esquadrinhar, e patentear os segredos talvez invenciveis da natureza. A intelligencia é assim, seduzem-na e assoberbam-na demasiado os triumfos que d'instante a instante alongam a escaleira do seu solio.

A intelligencia hoje é só, é ella em tudo e sempre, no presente pela analyse; no futuro pelo que a imaginação vaidosa pode compor de mais bello e fascinante.

Soltemos pano á provação de goso de nós mesmos; façamos regorgitar a intelligencia na expansão do delirio, dando-lhe ansa a que mais uma vez goste a espelhação de si mesma no que já foi impossivel.

Há talvez myriadas de seculos, quando na Asia berço da grandeza, onde tudo é bello, tudo sublime, —onde o finito desperta arrobamentos ao infinito, ao extasis —onde com ser objectiva a natureza não carece de quem transmita os seus hymnos de louvor ao Omnipotente! Alli onde o Simún e a brisa, a corrente caudal e o brando esperguiçar das ondas na areia; onde a vida e a morte se pleitêam em descomposto antagonismo disputando a presa! onde a imaginativa não quer impor-se limites! Alli no

meio d'uma harmonia incessante! mais um filho surgio do mysterio — o homem — que veio como para juntar uma nova corda á lyra infinita, ou synthesando em si os elementos d'harmonia dispersos para fazer vibrar uma nota que unida em tempo ás que partem de milhares d'espheras, que são como o diadema real do que habitamos, formem juntas um som unico, hymno infinito e indisivel de vida, admiração e amor: veio para ser o talisman entre o tudo e o nada, entre o finito e o infinito; mas veio como perola cahida em espumosa corrente, exposta á mercê das agoas; assim elle abandonado á vida e morte, como diamante bruto que ha de a si mesmo esculpturar-se até ostentar transparencia e brilho rival das estrellas: era como todos os partos da natureza, moral e physicamente informe, a quem ella depois expurgaria a rudesa.

Physicamente sêl-o-hia porque talvez o seculo apoz o seculo tenha arredondado uma fórma acrescentando ao todo agora um, logo outro atomo de perfeição: moralmente era monstruoso porque não tinha individualidade; era somente representado pela consciencia passiva, que ainda hoje sentimos quando grimpados no pino de serro gigante cuja area é de leguas, damos d'olho em painel que nos arrebata. deixa suspensos, e absortos escutando somente um grito entrecortado e expansivo do coração — é bello! — Seria talvez assim o primeiro acordar do homem: antes a admiração extatica, topando rapida e saltando aqui os montões de cinsa,

que restavam de milhares d'existencias anteriores, — acolá a cratera ainda fumegosa e crepitante do vulcão! Ao perto cadaveres de monstros informes ainda não consumidos; depois o fugir espavorido ora subindo ao monte, ora aninhando-se em gruta de rochedo onde o não esperava menos horror na garra do tigre, ou nas fauces do leão faminto escapado ao cataclismo.

Devia ser bello este espectaculo, mas pavoroso!

A intelligencia voltou-se, estampou-se em si mesma, marchou, e eil-a percorrendo os seculos fazendo-se avultar sempre desde o culto do raio, até a sua conquista, até a do tempo e do espaço, desde a escravidão á liberdade, desde a mortalidade á immortalidade! eil-a ameaçando a fé e o infinito.

Ha quasi vinte seculos que na Asia ainda, de canto escuro soou uma voz compungida, não alarmosa, mas firme, estremecendo as consciencias, e gravando em muitas o cunho da propriedade, que ecoou de continente em continente deixando apoz de si o rumorejar confuso das multidões gritando «sigamol-o!

Era muito uma conquista immediata e rapida; lutava o vicio, a sem rasão, e a crença, por ventura inimigos fortes, que não consentiriam impavidos capitulação vergonhosa, nem soffreriam de rosto composto que o sudario desfraldado ao vento lhes açoutasse as faces. A batalha deu-se, não foi renhida,

foi covarde, foi miseravel; além os broqueis, cotas, o ferro aguçado e a sede de sangue; aqui o peito descoberto, a cabeça nua, eram armas a palavra, a resignação e a morte; além o braço cançava, e embotava o ferro; aqui era vontade de todos alongar o pescoço á fouce da morte e ganhar a palma da vida! e venceram!.. hecatombes de martyres por aqui e ali! e a cruz hasteada, triumphante sempre, avançava um palmo por cada trago de sangue que exacerbava mais a sede ao verdugo! A luta era desigual! d'aqui era a vantagem ferindo com a generosidade e grandesa d'alma que só dá uma consciencia illustrada e firme obrando sósinha; era finalmente a intelligencia, que como luz que bruxolêa nas trevas e quasi se extingue antes de conquistar a vastidão escura, assim ella forte não oscilava, mas demorava-se-lhe a hora do triumpho; foi ella que dobrando o cabo das tormentas no oceano da ignorancia deixou atraz de si um sulco que se reflectio palido e sereno por toda a humanidade, como a lua placida em noite velha d'inverno, que faz ver ao viageiro o fundo do abysmo.

D'ali as intelligencias ganharam mais força e aptidão para a victoria do futuro.

A apparição de Christo foi o passo mais largo na longa peregrinação ao infinito, que com ser tão esforçado nos deixou extenuados e maravilhados da extensão do possivel, contemplando largos seculos o que apenas nos devera roubar momentos; bastava um instante d'admiração e extasis, e — avante — !

levados de tam grande impulso teriamos salvado muito longe e ser-nos-ia historico o presente; mas quem sabe se é cedo ainda recomeçar a luta? e não seria mais certa a victoria abrigando debaixo do mesmo pavilhão os fracos ou aquelles a quem uma ou outra côr seduz? Não! a humanidade, como involta no seu manto real, estava fascinada; acordou tarde, e tarde a intelligencia colheu ás mãos a corda do leme: assim como o vulcão tenta uma e mais vezes irromper aqui ou ali, e outras tantas um peso maior o abate e esmaga, assim a intelligencia tentou por vezes despertar o alarme e gravar na bandeira da revolta o — caminha avante — e outras tantas foi de vencida pelas multidões unidas, immoveis, quedas e cegas no crer. De espaço a espaço se alevantavão martyres querendo aliviar a humanidade do jugo a que se afizera, e dissipar o cirrus mysterioso, que pesava como querendo-a deixar ali; baldado esforço... e tu Salisbury, e tu Abailard ficaveis sos contemplando aquelles que vos fasiam negaças com o punho cerrado, e vos verberavam as faces com o sarcasmo e despreso vilão, que vos venceram e fizeram abjurar do que a intelligencia pode conceber de mais arrojado;— hei-de tudo conhecer excepto o não sei—era o vosso dizer, que achou eco em muitos apostolos da verdade, que apostataram tambem. Assim como porém o abéto ganha forças invisiveis e se ostenta mais forte e mais firme, assim a intelligencia ruminando em si, eil-a forte e robusta preparada a guerrear face a

face o mysterio; succumbirá? Haverá impossivel á comprehensão?.. não será esta idea mais do que filha espuria da reflexão, ou hypothetica ás forças presentes da intelligencia?..

A intelligencia hoje é a vida; é tudo, e fora d'ella o nada; baseada em si ajuisando do passado diz *não foi,* do presente *não é*, e do futuro *não será*; a auctoridade é nada, quando sentenceia, porque em si mesma ella tem o padrão que tudo afere, e que a tudo imprime o sello de crença.

Levantemos ainda uma vez o veo do passsado, façamo-nos presentes em cada um dos grandes e pequenos acontecimentos, perscrutemos-lhes as causas proximas e remotas, e vejamos se o dedo da Providencia lhes impoz a fatilidade? não! nunca! és tu ainda intelligencia que depurada cada vez mais e mais no cadinho do tempo te fazes reflectir em tudo o que vem de ti, germen ás vezes de que mais tarde fazes desabrochar flores que em a noite da sua existencia cedem a vida a outras mais bellas: é assim que o impossivel hoje o não é amanhã; és tu que fazendo-te centro das relações do *tudo* firmas sobre ellas o teu solio e mandas o mundo.

O teu passado é grande! mas o teu futuro?.. poderás tu um dia penetrando em todos os segredos da objectividade, mostrar-nos uma verdade, principio d'onde fluão todas as outras, como a corrente da fonte unica do rio?.. Induzes, deduzes... mysterio! retomas cem vezes os fios da tua demonstração, aspiras um fôlego mais demorado para que seja

mais largo o vôo... mysterio!.. bravejas debates-te... mas elle é sempre elle!! e o que é o mysterio?..

. . . . . .

Haverá o mysterio porque ainda não despontou na intelligencia uma força que o converta em luz?!..

JOZÉ PEREZ RAMIREZ

SEM MÃE!

Enxuga, filhinha, a face,
Sobre meu collo te inclina;
Vem ver a lua, que nasce
Da collina.

Vem ver, não chores, descança;
Ouve, é Deus de muito amor
Que no ceo, e terra lança
Tanta flor.

Olha, saltando e fulgindo
Ves, filha, as ondas além?
— Vejo sim: tudo tão lindo!
Mas... a mãe?

ANTONIO D'AZEVEDO C. BRANCO

A B...

J'avais espéré que dans cet isolement absolu, dans ces moeurs farouches et pauvres que je me créais, dans cet éloignement de tous les bruits de la civilisation, je trouverais l'oubli du passé et l'insouciance de l'avenir.

Lelia.

Doce amigo, a quem soccorro
Peço contra a minha dor,
A glória é uma mentira!
Olha tu — vês esta lyra,
Na qual outr'ora eu sentíra
D'immortal a natureza,
Vou no deserto quebrál-a!
A perfida só me fala
Em mil fingidas venturas,
— E, cada dia, torturas
Novas dentro em mim rebentam!
Foge, amigo, da poesia,
D'esse veneno que um dia
Na vida esmalta de verde,
A troco d'amargos annos
D'eterno desesperar!

Quando vibro as cordas languidas
Do alaude mentiroso,
Expande-se o riso e o gôso,
O magico delirar!
Mas ah! se o braço dormente
Susta o hymno de repente,
Lá revive a impia serpente!
De cada escama desata,
Golpha um jorro d'amargura:
A cada silvo que a impura
Garganta maldicta vibra,
É uma esperança que mata!

Não quero! Ir-me-ei para os bosques,
P'ra longe do mundo atheu!
De quantas fiéis memorias
Podesse d'aqui levar,
Não hei de senão guardar
— Por unica — o nome teu!

Oh! por sylvados eternos,
Embora me escorra o sangue,
Irei buscar o silencio,
Fugir d'estes maus infernos!
La no fundo, bem no fundo,
Nas últimas azinhagas,
Lançar-me-ei sobre as fragas,
Cançado, ferido, exangue!
Mas livre e só! — E, perdido
Da longa jornada o rasto,

Não mais no espirito casto
Reviverá o nefasto
Desejo mau de voltar!

Serei só! só! E vós, meigas
Harmonias da alvorada
— Mil vozes d'um só concerto —
Que por manhã bem fadada
Amava ouvir pelas veigas,
Pela serra alcantilada,
Á terra e ao céu — do céu perto,
— Não mais, não mais ouvirei!
Na vida que eu desejei,
Só quero para horizontes
Altos, quasi infindos montes
De vivo seixo — impossivel
D'escalar-se o ingreme dorso!
No canto mais rude e escuro
Cama de granito duro
Ser-me-á asylo invisivel!

Adeus então, rumorosas
Brisas do ameno passeio!
Adeus, solidão do rio!
Adeus, repoiso macio
Á sombra! Ficai-vos, ledos
Ó cheiros das verdes balsas!
Adeus, conhecida voz
Do lebreu que me saudavas!..
Do meu coração vulcanico

Sobem as ardentes lavas:
Não posso cortil-as já!

Amigo! na terra unico
Que não trahiste a amisade,
Tu chorarás? a saudade
Do coração companheiro
Que para sempre te foge,
Ha de um echo verdadeiro
No teu peito de cordeiro
Deixar perpetuo? É hoje
Inda o meu crer derradeiro!

Por isso — olha — commigo
Levo o talisman antigo
Da singular affeição.
Parto, sem te ver ao menos,
Sem nos teus olhos serenos
Beber a luz que preciso!
Puz-me até por prescripção
Negar-me a consolação
D'apertar a tua mão,
Trocar comtigo um sorriso!
Riso! Mas tu não sorriras,
Nem eu, nem eu rir podéra!
É por ventura o teu peito,
É o meu peito por ventura,
Vaso d'essencia tão dura,
Que tanta dor contivera
Sem partir-se, espedaçar-se?

Quem sabe se o meu caminho,
Que nem a ti dizer posso,
De lágrimas molharei?...
Oh! crê-me! Por cada espinho
Ficará do affecto nosso
Uma memoria, uma lágrima!
Mas não me fales em prantos!
Não fales! Adeus! Não volvo
A face mais... Partirei.

18...

FLÓRIDO TELLES DE MENEZES DE VASCONCELLOS

Helas! ainsi que vous, j'invoquai l'espérance!
Mon esprit abusé but avec complaisance
Son philtre empoisonneur!
LAMARTINE

Sonhai mil perfeições, sonhai primores,
E graças tão gentis, que a linda aurora
Possa nunca exceder, quando colora
Com sua doce luz as puras flores;

Juntai n'um quadro amêno tantas côres
Quantas o prado tem, quando s'inflora;
Da rola crede ouvir, se amor implora,
O suave queixume em voz d'amores:

Que ainda tal sonhando, accesa mente
Revelar-vos não pode a formosura
Da virgem que m'inflamma o seio ardente!

Se um volver de seus olhos dá ventura,
Ài! eu, que d'elles sou sincero crente,
Porque n'elles não li jámais ternura?..

LUIZ CARLOS SIMÕES FERREIRA

FIM.

INDICE

DEDICATORIA

CARTA 1.ª

CARTA 2.ª

PREFACIO

Chelys

Pag.

Ode Sapphica..... 3
Epistola... 5
Ver appetit.. 6
Peccavi... 8
Ode Sapphica..... 10
Solitudo... 13
Ode Sapphica..... 15
Dirae..... 20
Maldicção (traducção)..... 21
Vale. 22

Lyrica

Soledade.. 27
Mysterio.. 28
A Tarde... 30
Nem um beijo?.... 38
Trevas..... 40
A um lyrio..... 44
Aos annos do meu amigo S. M..... 45
A fonte do deserto. 46
Outr'ora, quando a lua alem brilhava.. 49

INDICE

Pag.
Descripção 50
Recordação..... 54
A dor..... 56
Resgate... 58
Amor..... 61
Vae, aguia, sóbe, ao espaço o vôo extende..... 65
O Mar. 66
Uma lagrima..... 69
A rajada.. 76
Ad amicos 79
Deos que sorri e perdôa (traducção de V. Hugo).. 81
Disse a sepultura á rosa (traducção de V. Hugo).. 83

Album

Que heide dar de melhor? Ai! nestes tempos.. 87
As Estrellas. 90
Elisa 94
Saudade... 104
O Cassideh. 106
Meditação. 111
Sem Mãe.. 119
Doce amigo, a quem socorro. 120
Sonhai mil perfeições, sonhai primores.. 125

.....
Mais poesia em pobre margarida,
Que aos pés se pisa, enthesourada vejo,
Que em muita madreperola pulida,
Que as cinzas guarda... de finado arpejo!
Dize-me, pomba! que no ar sustida
Vens, como nuvem, coroar d'um bejo,
Quem teus disvelos maternáes comparte:
— Camões! — excede-te em *ingenho e arte!*

Fechei a minha bocca largo espaço
Para ver e pasmar! Eu não podia
Tirar os olhos do tributo escasso
Que o casal paga... quando acaba o dia!
No compassado maternal regaço
Pregava os olhos!... e era ahi que eu lia,
Não essa Ilíada em compasso austero...
Outra! a do *Christo*... do celesté Homero!

O grande livro! que anda incadernado
Em pelle humana e insopado em pranto;
Mas para bênções, para amor dictado,
E quanto ha doce, quanto ha bello e santo!
Que o impio beiço soletrou tocado...

Se um impio os olhos póde erguer a tanto!
Mas que a *Moirama*... só conserva vivo...
Porque — não morre — o immortal *captivo*!

Não morre! Eterno como a fonte, d'onde
Diriva a luz, a vida, amor, e tudo,
Que amostra a terra, amostra o mar; e esconde
O céu, o espaço, o infinito mudo...
O mundo *mudo!*... Para quem? Responde,
Valente Martyr! que o pesado escudo,
Com que a *Verdade* os olhos encobria,
— Morreste — mas puseste á luz do dia!

Ella... o resto fará... Por que a seu braço
Reis não resistem, não resistem povos!
Um raio a nuvem parte e deixa o espaço
Crivado d'astros... que parecem nóvos!
Põe ao sol, que o fecunde, o simples traço
— Como a grante avestruz, os grandes óvos —
E depois quem no mundo a luz lhe apaga?
Ninguem apaga a luz que o mundo alaga!

. . . . . .

João de Deus.

LE My 32

Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Dec. 2008

PreservationTechnologies
A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 024 330 403 9